



Ispas

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

*O Papel das Experiências Adversas Precoces
na Construção da Identidade Assexual*

Sofia Manuela Lopes Bernardino

28697

Orientador de Dissertação:

CSONGOR JUHOS

Professor de Seminário de Dissertação:

CSONGOR JUHOS

Dissertação submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2022

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Csongor Juhos, apresentada no ISPA – Instituto
Universitário para obtenção de grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Clínica

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

- Ricardo Reis

Agradecimentos

Dizem que uma parte de quem somos, se deve às pessoas que se cruzam no nosso caminho, e por isso agradeço:

- Ao Professor Csongor, que aceitou explorar comigo um novo campo, sem me colocar limitações a conhecer mais e melhor;
- À Professora Eva, que possibilitou uma exploração mais segura dos novos caminhos que me propus a investigar;
- À minha família, que me acompanhou e apoiou no presente ano e em todos os que passaram;
- Às minhas amigas da uma vida, que estiveram presentes desde sempre, partilhando os melhores e piores momentos, longe...ou perto;
- Aos amigos que a faculdade me deu, na licenciatura e no mestrado, que tornaram os últimos anos muito mais significativos;
- Ao meu namorado, por todo o cuidado, carinho e disponibilidade, presentes em qualquer momento;
- À Débora, por me ter sempre aberto a porta sem perguntar quem é.

Obrigada a todos/todas por tornarem concreto a afirmação:

Existo porque fui amado

(Coimbra de Matos)

Resumo

Apesar do crescente interesse científico e do público em geral sobre o fenômeno da assexualidade, a mesma mantém-se como a minoria-sexual menos representada na comunidade científica. O investimento sobre o conhecimento desta identidade tem privilegiado a conceptualização e definição do conceito, excluindo do âmbito investigacional os pressupostos da construção e estabelecimento das identidades assexuais.

A presente investigação propõe-se a contribuir neste sentido, ao investigar a exploração da identidade assexual e a possível relação com as experiências adversas precoces (EAP's), não presumindo a assexualidade como forma de patologia, mas como produto das experiências relacionais e precoces, como as demais identidades sexuais. O estudo desenvolveu-se numa base qualitativa e exploratória, entrevistando em formato *online* cinco indivíduos assexuais, através de uma entrevista semiestruturada. Exploraram-se as temáticas da descoberta e relação com a assexualidade; a qualidade das relações interpessoais e dinâmicas familiares; a experiência da adolescência e a exploração sexual e os períodos significativos na infância e adolescência. A análise dos dados, a partir de uma análise de conteúdo de três categorias-chave – relações interpessoais, identidade sexual e EAP's, permitiu a construção de hipóteses explicativas para a formação das identidades assexuais. O tratamento empírico dos dados demonstrou que a conceptualização da identidade assexual a partir da ausência de atração sexual apresenta um viés, a assexualidade é um espectro, integrando a demisexualidade, onde a atração sexual surge, embora de forma condicional. A explicação dos fatores subjacentes à atração sexual condicional assentou na correlação com dinâmicas familiares disfuncionais, experiências precoces vividas com *distress* e estratégias de repressão emocional.

Palavras-chave: Assexualidade, identidades assexuais, demisexualidade, experiências adversas

Abstract

Despite the growing scientific and public interest on the asexuality phenomenon, it remains the least represented sexual minority in the scientific community. The previous research about this identity has privileged the conceptualization and definition of the concept, excluding from the investigative scope the assumptions of the construction and establishment of asexual identities.

This investigation aims to attend to this lack of research, examining the process of establishing an asexual identity correlating with adverse childhood experiences (ACEs). Not assuming asexuality as a form of pathology, but as a product of relational and early experiences like the remain sexual identities. The method was a qualitative exploratory study, with five asexual individuals, interviewed *online* using a semi-structured interview. The interview focused on the discovery and relationship with asexuality; quality of interpersonal relationships and family dynamics; experience of adolescence and sexual exploration and significant periods in childhood and adolescence. Data analysis, based on a content analysis, organized the results into three key categories – interpersonal relationships, sexual identity and ACEs, allowing the construction of explanatory hypotheses for the construction of asexual identities. The empirical treatment of the data demonstrated that the conceptualization of asexual identity from the absence of sexual attraction presents a bias through the asexual spectrum contemplating demisexuality, where sexual attraction is presented although conditionally. The explanation of the factors underlying conditional sexual attraction was based on the correlation with dysfunctional family dynamics, early experiences lived with distress and strategies of emotional repression.

Keywords: Asexuality, asexual identities, demisexuality, adverse experiences

ÍNDICE DE SIGLAS

AVEN – Asexual Visibility and Education Network

EAP – Experiências adversas precoces

OS – Orientação sexual

PDSH – Perturbação do desejo sexual hipoativo

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
CAPÍTULO 1 – PERSPETIVAS TEÓRICAS SOBRE A IDENTIDADE SEXUAL	4
Perspetiva Social	4
Perspetiva Psicanalítica	6
CAPÍTULO 2 – INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL	9
Infância e Relações Precoces	9
Adolescência e Sexualidade	10
CAPÍTULO 3 - IDENTIDADES ASSEXUAIS	12
Assexualidade como Conceito	12
Espectro da Assexualidade	13
Construção da Identidade Assexual	15
CAPÍTULO 4 – EXPERIÊNCIAS ADVERSAS PRECOCES	16
Relações Objetais	17
Estilos de Vinculação	17
Dinâmicas Familiares	19
Negligência Emocional e Abuso Psicológico	20
MÉTODO	22
DELINEAMENTO	22
PARTICIPANTES	22
PROCEDIMENTO	22
INSTRUMENTOS	23
ANÁLISE DE DADOS	25
RESULTADOS	26
IDENTIDADE SEXUAL	26
Exploração da Sexualidade	26
Identificação Assexual	27
RELAÇÕES INTERPESSOAIS	29

EXPERIÊNCIAS ADVERSAS PRECOSES.....	30
DISCUSSÃO	33
CONCLUSÕES.....	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	49
ANEXO A: GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	51

Introdução

Ao longo do tempo, têm surgido cada vez mais identidades e orientações sexuais não normativas, fazendo emergir a necessidade de uma maior compreensão sobre a sexualidade humana. Considere-se por isso o objeto de estudo “assexualidade”, que embora tenha vindo a ganhar visibilidade na última década, continua a ser uma das minorias sexuais menos estudada e representada (Scherrer, 2008). A presente dissertação propõe-se contribuir nesse sentido, explorando de forma teórico-prática a assexualidade e respetivas identidades presentes no espectro.

David (citado em Murphy, 2019), foi um dos responsáveis por difundir o conceito de assexualidade, esclarecendo que a mesma diz respeito aos sujeitos que não se sentem atraídos por qualquer género. Esta mesma definição, mantêm-se atual e uma das mais prevalentes na caracterização da assexualidade (AVEN, sd). Contudo, ao conceptualizar a assexualidade como a falta de atração sexual, torna-se importante refletir sobre a manifestação do instinto sexual. Apesar deste instinto ser caracterizado na literatura como um aspeto primitivo do ser humano (Freud, 1905/2016), que permite satisfazer necessidades básicas e de realização (Maslow, 1943; Blain, 1965), as identidades assexuais parecem viver o instinto sexual de uma forma diferenciada, face ao que é descrito como normativo pela literatura (Rozenhal, 2018). Esta forma diferenciada pode observar-se ao analisar todo o espectro da assexualidade, que também engloba identidades assexuais que vivenciam relações amorosas e íntimas (Chasin, 2011).

O estado de arte relativamente à explicação e caracterização deste fenómeno encontra-se pouco desenvolvido e com teorias opostas. Numa visão social da assexualidade pode compreender-se o fenómeno a partir da falta de atração sexual (Bogaert, 2004; Chasin, 2011), da falta de desejo sexual (Prause & Graham, 2007) ou como um fenómeno capaz de conferir ao indivíduo uma identidade sexual singular (Pardo, 2010; Rozenhal, 2018). Numa perspetiva patológica da assexualidade, é possível encontrar relações entre a assexualidade e diagnósticos de perturbações do interesse sexual (Prause & Graham, 2007). Davison (2007), contribui para esta hipótese, alertando para a possibilidade de a assexualidade ter implícita uma desregulação hormonal ou repressão do desejo sexual. Numa visão integrativa, Berman (2006), declara que a assexualidade pode existir como orientação/identidade sexual, mas não deve ser exclusiva para responder a situações de indivíduos que não experienciam a intimidade porque a recusam ou reprimem. Berman (2006), acrescenta ainda que a intimidade sexual é fundamental, e não a desejar pode estar

associado a condições fisiológicas (p.e. hormonais) ou psicológicas (p.e. trauma, abuso ou repressão). Brotto e Yule (2009), contribuem para esta perspectiva ao reconhecerem a potencial dificuldade de distinguir a assexualidade e uma perturbação do desejo sexual, alertando para importância de compreender o *distress* associado à experiência da sexualidade.

Apesar do crescente interesse científico na assexualidade, a oposição entre as visões patológica e não patológica e predominantemente focadas na definição do conceito, fazem sobressair a importância de explorar o processo de construção da identidade assexual e respetivos fatores associados, e de possibilitar uma perspectiva mais integrativa deste fenómeno.

O ponto de partida para a análise do processo de construção da identidade da presente dissertação, será a exploração das experiências individuais durante as fases precoces da vida, pela forte correlação das mesmas com o desenvolvimento do sujeito e da sua capacidade de se relacionar com o outro (Bowlby, 1982). Investigações desenvolvidas no seguimento desta correlação, permitiram identificar que contextos familiares negligentes contribuem para padrões de vinculação inseguros que comprometem a capacidade de o sujeito estabelecer relações íntimas e seguras (Bowlby, 1982). Colman e Widom (2004), reforça este pressuposto na sua investigação, ao identificar uma forte correlação entre experiências precoces de abuso ou negligência e dificuldades na procura ou manutenção de relações íntimas. Kinzl, Traweger e Biebl (1995), contribuem para o exposto, relatando que as relações íntimas dependem não só da qualidade das interações sociais prévias, como também da dinâmica familiar onde o sujeito se insere e por isso, dinâmicas familiares disfuncionais, experiências de negligência e abuso podem prejudicar o desenvolvimento psicosexual e a identidade sexual.

No sentido de esclarecer a assexualidade como conceito, e identificar os fatores subjacentes à construção das identidades presentes neste espectro, a presente dissertação propõe compreender a assexualidade ao desenvolver uma perspectiva relacional, partindo de uma lente não patológica, mas que considere os possíveis aspetos adversos da experiência precoce do sujeito, que possam estar subjacentes à construção da identidade assexual. Para o efeito, estabelecem-se objetivos orientado em três eixos: a) clarificar o conceito da assexualidade, b) compreender de que forma são construídas as identidades assexuais, considerando as experiências relacionais precoces e possíveis eventos adversos, c) contribuir para o conhecimento científico sobre o fenómeno da assexualidade. Servirá de suporte aos objetivos enumerados a apresentação das perspectivas teóricas

sobre a construção da identidade sexual sob as visões social e psicanalítica (Cap.1), de seguida serão exploradas as influências para a construção da identidade sexual predominantes no período da infância e da adolescência (Cap.2), posteriormente será explorado o conceito da assexualidade e especificidades das identidades que se inserem neste espectro (Cap.3) e por fim, apresentadas um conjunto de considerações sobre experiências adversas precoces que influenciam a construção da identidade sexual, considerando aspetos como as relações objetais, os estilos de vinculação e as dinâmicas familiares (Cap.4).

Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – Perspetivas Teóricas sobre a Identidade Sexual

Ao refletir sobre o construto de identidade, é possível estabelecer uma relação com conceitos como “individualidade”, “autenticidade” e “caráter” que nos remetem para a componente distintiva da identidade que possibilita o sujeito conhecer-se e dar-se a conhecer ao outro (Coulmas, 2019). São componentes ativos nesta distinção aspetos comportamentais, físicos e psicológicos (Howard, 2000) como a atitude, a experiência e suas representações, os papéis sociais e as relações interpessoais, sendo que todos estes elementos influenciam como o sujeito se vê e interage no mundo (Guenther & Fernandes, 2020). Para um entendimento abrangente do conceito de identidade, é imperativo considerar que este se trata de um processo em vez de um estado fixo (Hall, 1996; Howard, 2000) e também de uma estrutura multifatorial que integra o *self* individual, que corresponde aos atributos que distinguem o sujeito do outro, como os traços, objetivos e comportamentos. O *self* relacional corresponde às relações afetivas e papéis que se desempenham nas mesmas e o *self* coletivo comporta traços e atitudes que permitem o sujeito inserir-se num determinado grupo social diferenciando-se dos demais (Sedikides, Gaertner & O'Mara, 2011).

Mantendo presente esta componente multifatorial da identidade, a mesma abordagem servirá de ponto de partida para a análise do processo de construção da identidade, a partir das perspetivas social e psicanalítica, prosseguindo para uma exploração mais aprofundada do *self* relacional, onde se apontam considerações sobre a identidade sexual, dada a íntima relação da mesma com o objeto de estudo da monografia – identidades assexuais.

Perspetiva Social

Chrysochoou (2003), descreve a identidade como uma forma de representação social capaz de mediar a relação entre o indivíduo e o ambiente social, através de um processo cíclico de conhecer, reivindicar e reconhecer, que estabelece o princípio organizador das relações. Autores como Carrigan (2011) e Hall (1996), reforçam esta relação entre a identidade individual e a relação com o meio social declarando que o sujeito ao reconhecer características suas num grupo, acaba por se identificar com base na história, linguagem e cultura, comprovando a influência dos fatores sociais, culturais e contextuais na construção da identidade. Marcia (2002), refere que esta permeabilidade às influências para a construção da identidade ganha particular relevo no período

da adolescência, onde se estabelece a primeira forma de identidade, como resultado de processos internos e externos e que mais tarde, será posta em causa na sequência de encontros e desencontros com diferentes formas de identidade, através dos quais o indivíduo se pode redescobrir e afirmar.

No processo de estabelecimento da identidade, o sujeito procura descobrir-se, afirmar-se e estabelecer-se em diferentes papéis sociais permitindo a reflexão sobre o conceito de múltiplas identidades p.e. identidade profissional, pessoal, cultural entre outras, das quais autores como Bogaert (2012), Floyd e Stein (2002), Pacho (2013) e Scherrer (2008), destacam a identidade sexual como fundamental para a consolidação da identidade do indivíduo pois, ditará não só a forma como este se reconhece, mas também como interage e estabelece relações afetivas (DeLamater & Plante, 2015). A identidade sexual faz-se a partir da experiência da sexualidade, que ao ser organizada e nomeada, torna-se um princípio organizador da estrutura do sujeito pois permite guiá-lo de forma segura na exploração da intimidade. Para o efeito interagem atores de ordem relacional dado que a exploração da sexualidade ocorre por meio da interação, e também componentes individuais que significam essa mesma interação através de componentes como a atração e o desejo (Tolman & Diamond, 2014). A respeito do estabelecimento da identidade sexual, Morgan (2012) descreve o mesmo como um marco de transição da adolescência para a fase adulta integrando aspetos como atração e desejo sexual, comportamento, valores e formas de estabelecer relações. Modelos integrativos e multidimensionais da identidade sexual indicam a atração sexual, fantasias, comportamentos, sentimentos, emoções e preferências sexuais como fatores capazes de devolver uma melhor compreensão da identidade sexual em termos individuais e do grupo (Frost et.al, 2014; Marcia, 2002; Johnson, 2015).

Note-se assim a interdependência da sexualidade e da identidade sexual, que sendo conceitos distintos acabam por se complementar – a sexualidade serve de suporte à exploração e satisfação sexual integrando atitudes, comportamentos e processos de identificação sexual, enquanto que a identidade sexual estabelece-se a partir da exploração da sexualidade, e refere-se à internalização dos processos identificatórios a respeito das suas preferências sexuais, permitindo o sujeito reconhecer-se e ser reconhecido em função da sua identidade sexual (APA, 2013; Zimmerman, 2008).

Perspetiva Psicanalítica

Em meados do século XIX, a sexualidade como objeto de estudo da ciência, era percebida como uma atividade fundamental da atividade humana para a reprodução, e por isso, estava exclusivamente relacionada com a genitalidade (Breger, 2013; Roudinesco & Plon, 1997). Apesar da teorização inicial das ciências, nomeadamente da sexologia, Freud (1905/2016) trouxe uma nova abordagem à sexualidade que permitiu perceber a mesma além da conceção biológica e genital descrita até então. A ruptura teórica que Freud possibilitou, não só pôs em causa a relação linear entre sexualidade e genitalidade, como também ofereceu uma nova visão sobre os comportamentos autoeróticos, relevância da sexualidade infantil e outros contributos que retiraram alguns dos estigmas implícitos na sexualidade (Breger, 2013). Autores como Quindeau (2013), deram continuidade aos estudos de Freud, questionando a relação linear entre a genitalidade, o instinto e a sexualidade.

Com os avanços da psicanálise na abordagem da sexualidade, o conceito passou a integrar um instinto inato e invariável do ser humano, que procura atividades de prazer não só associadas ao aparelho genital, mas a todo um conjunto de estímulos presentes no ciclo de vida, capazes de satisfazer o ser humano de forma diferenciada (Laplanche & Pontalis, 2001). Bearzoti (1994), clarifica que a sexualidade é a experiência relacionada com o prazer que acontece no seio das relações afetivas e é possibilitada pelas fases do desenvolvimento sexual que se iniciam no período da infância. Quindeau (2013), corrobora as premissas previamente descritas, afirmando que a sexualidade surge num contexto social, possibilitada por características biológicas, ilustrando como exemplo o facto de o ser humano estar geneticamente concebido para se reproduzir.

Desenvolvimento Psicosexual. No sentido de compreender com mais profundidade o carácter e constituição humana, Freud explorou os efeitos do prazer sexual na psique, partindo da elaboração da teoria do desenvolvimento psicosexual na infância (Elkatawneh, 2013; Zimerman, 2008). Silverman (2020), afirma que esse trabalho realizado por Freud, permitiu compreender como o prazer e a vida sexual são determinados numa fase tão primária como a infância.

Fases da Maturação Psicosexual. Sinteticamente, a psicosexualidade é uma componente individual que contempla um conjunto de etapas do desenvolvimento infantil, capazes de fornecer experiências físicas, psíquicas e sensoriais que se relacionam com o prazer sexual (Silverman, 2020). Para uma maior compreensão desta temática, torna-se iminente a exploração de cada etapa

deste desenvolvimento no qual a obra “Três ensaios sobre a sexualidade” de Freud (1905/2016), servirá de suporte explicativo.

Numa primeira fase, o caráter sexual na infância é validado pela satisfação sexual implícita no ato de nutrição, quando a procura do objeto implica o toque e sucção (Freud, 1905; 2016). Neste período, observa-se também um comportamento autoerótico, quando o bebê procura gratificar-se sem recurso ao meio, chuchando no dedo. Qualquer um destes comportamentos, implica a utilização da boca e por isso, este período denomina-se de fase oral e na fase adulta manifesta-se através do prazer associado ao beijo (Silverman, 2020).

A segunda fase, denominada de fase anal, surge por entre o primeiro ano e ano e meio de vida, e dá origem ao confronto entre a retenção e expulsão das fezes, entre o prazer de expulsão e a necessidade de controlar as funções fisiológicas (Elkatawneh, 2013). Neste confronto, desenvolve-se o antagonismo entre passivo e ativo que irá caracterizar a vida sexual (Freud, 1905/2016).

Por volta dos dois anos de idade, a criança alcança a fase fálica, onde percebe o conjunto de sensações e satisfação que obtém a partir dos seus genitais (Silverman, 2020). Também nesta fase, as crianças começam a ser capazes de diferenciar os sexos – a rapariga inveja o falo e o rapaz vive a angústia de castração (Freud, 1905/2016). Elkatawneh (2013), acrescenta que esta fase dá acesso ao principal conflito sexual do desenvolvimento – complexo de Édipo no caso dos rapazes, e de Electra no caso das raparigas que, quando ultrapassados permite o acesso à fase seguinte.

Não sendo por si uma fase do desenvolvimento psicosssexual, o período de latência é requisito para o desenvolvimento, pois permite reprimir conteúdos da sexualidade infantil que o indivíduo mais tarde poderia não ser capaz de tolerar e, conseqüentemente, perverter o seu instinto sexual (Freud, 1905/2016). Durante este período, a criança procura canalizar a sua energia libidinal em aspetos desprendidos da sexualidade como a escola, desporto ou amizades do mesmo sexo (Elkatawneh, 2013).

Numa fase seguinte, todas as fontes de excitação sexual são subordinadas ao primado das zonas genitais (Freud, 1905/2016) e o sujeito tendencialmente passa a focar-se em relações heterossexuais, dependendo da forma como viveu a experiência do desenvolvimento psicosssexual (Elkatawneh, 2013).

É relevante notar que a criança desenvolve-se de forma normativa se, for capaz de viver e ultrapassar cada fase de forma adaptativa caso contrário torna-se impossível o foco na zona erógena da etapa seguinte (Elkatawneh, 2013). Assim, o desenvolvimento psicosssexual na infância é de enorme relevo para a construção do caráter, personalidade, desejos e interesses sexuais do sujeito (Silverman, 2020). As possíveis fixações e consequências no desenvolvimento psicosssexual serão abordadas seguidamente.

Fixações no Desenvolvimento Psicosssexual. Tendo presente as fases de desenvolvimento psicosssexual que ocorrem na infância, é possível pensar que em cada fase, existe uma área do corpo específica cuja sua estimulação proporciona satisfação e gratificação, no entanto, prejuízos na experiência destas fases como demasiada ou pouca gratificação, podem levar a fixações na mesma (Bogaert & Fawcett, 2006).

No desenvolvimento normal, cada fase implica um conjunto de instintos característicos que são gradualmente substituídos pelos instintos da fase seguinte, contudo, se a transição não é feita ou é realizada de forma atípica, ocorre a fixação (Nagera, 1964). Assim, na fase posterior, continuam a existir aspetos residuais da fase anterior que podem futuramente gerar sintomas neuróticos ou comportamentos regressivos (Costa, 2020; Nagera, 1964).

Laplanche e Pontalis (2001), esclarecem que este tipo de fixação (numa fase) ou num objeto p.e., se trata de uma fixação da libido, mas que um indivíduo pode apresentar outro tipo de fixações a nível de uma memória ou um sintoma. Nagera (1964) e Zimerman (2008), corroboram esta perspectiva de uma fixação de referenciais distintos, esclarecendo que a fixação pode dar-se em relação a um instinto, fase de desenvolvimento, tipo de escolha ou relação com objeto e ainda, em relação a uma experiência traumática. Sucintamente, a fixação resulta de uma persistência em gratificações sexuais anacrônicas, modos de desenvolvimento precoces e/ou processos traumáticos (Costa, 2020; Laplanche & Pontalis, 2001).

Para Freud (1905/2016) a fixação torna implícito a recuperação das forças psíquicas que restringem o instinto sexual – pudor, nojo, compaixão e normas sociais da moral e autoridade. Desta forma, a fixação pode ser percebida como uma continuação ou ressurgimento da sexualidade infantil (Costa, 2020). Frequentemente, por consequência da fixação, não se desenvolvem outras

metas sexuais para além do ato preparatório, acabando por ser valorizado apenas o prazer preliminar (Freud, 1905/2016).

No que diz respeito aos fatores que motivam a fixação, destacam-se fatores de caráter histórico como o trauma, contexto familiar disruptivo ou demasiada responsividade aos pedidos da criança, e fatores de caráter constitucional, que se referem a instintos que prevalecem sobre outros direcionando a libido para uma organização mais regredida (Costa, 2020; Laplanche & Pontalis, 2001).

Bogaert e Fawcett (2006), defendem que para um desenvolvimento normativo da sexualidade que proteja o sujeito do prejuízo de traços de caráter ou da sua própria psique, é necessário não só o alcançar bem-sucedido de cada etapa do desenvolvimento como também uma gestão equilibrada entre as pulsões do id, ego e superego.

Capítulo 2 – Influências na Construção da Identidade Sexual

Friedman (2001), procurou esclarecer que a identidade sexual é influenciada por um conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais que interagem entre si. Fausto-Sterling (2019), corrobora esta perspetiva salientando a importância das interações sociais que decorrem em diferentes fases do desenvolvimento, contribuindo para a formação da identidade. Dado que este processo é produto de diferentes fatores, é possível pensar que o processo de maturação sexual acaba por ser atingido em idades distintas para cada sujeito (Tanner, 1986), ainda que o início da exploração da sexualidade se inicie de forma transversal entre os sujeitos nos períodos precoces do desenvolvimento (Freud, 1905/2016; Herdt & McClintock, 2000; Tanner, 1986).

Na sequência destas premissas, torna-se necessário uma análise do desenvolvimento da sexualidade ao longo do ciclo vital, focando os fatores que interagem nestes períodos.

Infância e Relações Precoces

A importância das interações sociais para o desenvolvimento normativo de um indivíduo, tem sido amplamente estudada por autores como Stern (1985), que concluiu ser durante os primeiros dois meses de vida que o sujeito começa a desenvolver o seu *self*, como produto da experiência social subjetiva. Bearzoti (1994), defende que as interações sociais e os vínculos que delas advêm, são o principal motor para o desenvolvimento adequado do indivíduo, dado que a

relação afetiva permite dar sentido às aprendizagens que emergem ao longo do desenvolvimento. Johnson (2019), corrobora as ideias anteriores, afirmando que a natureza e qualidade das primeiras relações definem o modo como o sujeito se desenvolve.

No leque de todas as interações sociais que um sujeito vive, Friedman (2001), destaca a importância da relação com os pares no período da infância, afirmando que é esta interação que permitirá guiar o desenvolvimento da orientação sexual (OS), mediando o comportamento, atitude e conseqüentemente o sentido de identidade. Johnson (2019), alerta para a importância da relação mãe-bebê que se estabelece nos primeiros meses de vida que, quando dá origem a uma interdependência vivida de forma normativa, possibilita a distinção entre o “eu”, “nós” e o “outro”. Fausto-Sterling (2019), reforça a importância de considerar os eventos que ocorrem nos primeiros meses do desenvolvimento, pelos mesmos serem propulsores das experiências que surgem posteriormente na infância e na adolescência que são fundamentais para o desenvolvimento da sexualidade. Herdt e McClintock (2000), afirmam igualmente que é numa fase precoce do desenvolvimento que a sexualidade se desenvolve, apontando o período entre os seis e os 10 anos como o desenvolvimento da subjetividade que possibilita a emergência de sentimentos de atração e de consciência da sexualidade.

Adolescência e Sexualidade

Conceptualmente, a adolescência é descrita como um período de profundas transformações e processos de maturação psicológica e biológica que permitem a consolidação da identidade e uma organização definitiva do ideal do ego (Ollech & McCarthy, 1997; Wolf, Gedo & Terman, 1972). Person (1980), procurou descrever esse conjunto de transformações agrupando-as em duas vertentes - mudanças físicas que despoletam o interesse sexual; e mudanças sociais, a partir das quais o sujeito se redefine em termos de interesses e adota comportamentos que se assemelham a formas adultas de interação social e sexual. McClintock e Herdt (1996), esclarecerem como forma adulta de interação, a manifestação de aspetos como a atração, fantasia e comportamento sexual.

A respeito da descoberta da sexualidade, Fausto-Sterling (2019), alerta para o conjunto de expectativas sociais que são colocadas sobre o adolescente, que juntamente com todos os processos de transformação vividos pelo próprio, torna esta fase por vezes muito exigente. Person (1980), esclarece afirmando que embora a experiência da sexualidade se faça autonomamente, as

interações sociais e a cultura onde o sujeito se insere, contribuem de forma ativa para a descoberta e definição da sexualidade individual, sendo que, para uma mediação entre a influência da cultura na sexualidade é fundamental abandonar os estereótipos relativos aos papéis sexuais. A respeito das mudanças sociais, é possível pensar nos papéis sociais que o sujeito deve procurar estabelecer, em concordância com o processo de desenvolvimento de uma identidade cujos valores e princípios se estabelecem ao explorar os interesses próprios nos domínios pessoais, sociais e profissionais como p.e. papel de gênero, relações íntimas e religião (Steensma et.al, 2013). Para efeitos de reforma dos papéis sociais e de estabelecimento de identidade própria, Erikson (1977) e Wolf, Gedo e Terman (1972), explicitam um conjunto de processos e atitudes a adotar - necessidade do jovem desidealizar o próprio e as suas figuras parentais, o que possibilita transformar os padrões e valores da infância num processo de debate entre a moralidade aprendida na infância e a ética a ser desenvolvida em adulto, colocando o jovem numa ambivalência entre o que o deseja e os seus padrões e valores previamente adquirido; e a necessidade do jovem gerir as expectativas do outro e de si próprio em relação ao seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que procura a forma de como conjugar as competências adquiridas ao longo do desenvolvimento com os papéis sociais que deve desempenhar.

Apesar das transformações e da exploração da identidade ser transversal a todos os adolescentes, este processo de autoafirmação desenvolve-se de forma distinta para cada sujeito, seja em função do gênero ou em função das próprias características individuais. Steensma et.al (2013), remetem na sua investigação para as diferentes formas de explorar a sua identidade, que podem passar por um comprometimento imediato sem uma exploração prévia, p.e. assumir os valores parentais sem questionamento; um não comprometimento por desinteresse em assumir papéis sociais mais adultos ou dificuldade de compromisso, motivado por uma necessidade de manutenção da exploração dos papéis, valores e domínios que sejam significativos para o próprio (Steensma et.al, 2013). Ollech e McCarthy (1997), alertam para a diferença entre gêneros a respeito do processo de redefinição do eu, mencionando que as raparigas manifestam neste período mais ansiedade, períodos de conflito e dificuldade de se diferenciarem da família e de certos aspetos culturais, quando comparadas com os rapazes. As diferenças entre sujeitos na exploração da identidade encontram-se também em termos intra individuais devido ao caráter fluido da sexualidade, principalmente durante a adolescência. Steensma et.al (2013) refere que apesar da tarefa desenvolvimental do adolescente passar por se comprometer com um conjunto de valores e

ideias que se traduzem numa aquisição da identidade, até aos 20 anos é natural observar flutuações frequentes em termos desse compromisso.

Capítulo 3 - Identidades Assexuais

Assexualidade como Conceito

Na última década, a assexualidade tem-se apresentando como um conceito emergente e de desafio às concepções básicas sobre a sexualidade (Scherrer, 2008). Parente e Albuquerque (2016), referem que a redução ou ausência de atração sexual expressa pelos indivíduos sexuais, vem colocar desafios aos campos sociais e da medicina a respeito do estudo da sexualidade, dado que o mesmo associava de forma linear a falta de libido ou desejo sexual, a perturbações de ordem física e/ou psicológica. Adicionalmente, tendo o conceito de assexualidade surgido inicialmente no campo da biologia para fazer referência aos seres que não utilizam o sexo para se reproduzir, condiciona à priori, a percepção do conceito sob uma visão não-patológica (Haefner & Plante, 2015).

A respeito da visão patológica sobre a assexualidade, a investigação remete para uma frequente associação da identidade com questões de doença mental (Prause & Graham, 2007), à prática da abstinência, à impotência ou aversão ao sexo (Bogaert, 2006) e a diagnósticos de perturbação do desejo sexual hipotativo (PDSH) (Foster & Kristin, 2014; Scherrer, 2008). No entanto, investigações mais recentes sobre a assexualidade têm procurado distanciar-se desta visão, esclarecendo que existem indivíduos que manifestam desejo e *arousal* e sobretudo, não apresentam *distress* ou dificuldades interpessoais na experiência da assexualidade, não apresentando assim critérios para o diagnóstico de uma PDSH (Bogaert 2006; Brotto et.al, 2010; Prause & Graham 2007; Scherrer 2008).

Numa perspetiva comum, a assexualidade é percebida como uma ausência ou manifestação reduzida da atração sexual, dirigida a qualquer género (Bogaert, 2004). Pardo (2010), esclarece que por consequência da falta de atração sexual, o sexo não é uma prioridade, mas também não se trata de um foco de aversão. Brotto e Yule (2011), verificaram nos seus estudos que os sujeitos assexuais não só experienciam relações íntimas, como também apresentam níveis de excitação fisiológica e sexual como os indivíduos não assexuais. No sentido de contrariar a relação da assexualidade com a atividade sexual, Murphy (2019), esclarece que a assexualidade não se trata de uma ausência de libido, mas sim de uma libido direcionada a um objeto que não “um outro” e

assim, resulta numa inversão da dependência deste. Rozenthal (2018), acrescenta que para muitos indivíduos assexuais, o objeto de satisfação/prazer é na verdade a “não-prática sexual”, levando-os a estabelecer um modo singular de viver a sua sexualidade.

Tem existido desta forma, um interesse emergente pela compreensão da assexualidade que leva a considerar novas perspetivas da mesma (Chasin, 2011). Hinderliter (2009), considera a assexualidade como uma possível orientação e/ou identidade sexual. Estas propostas de caracterização do fenómeno da assexualidade, remetem para a possibilidade de pensar no mesmo como um meta-construto, dado que a assexualidade se explica de forma mais concreta quando se consideram outros fatores além da atração sexual (Chasin, 2011). Hanson (2013), defende que a visão da assexualidade como meta-construto, possibilita integrar qualquer indivíduo que se identifique como assexual, mesmo que apresente características distintas na forma de viver a sua assexualidade.

Espectro da Assexualidade

Chasin (2011), alerta para a dificuldade de explorar o conceito da assexualidade, quando se parte de uma perspetiva que encara estes sujeitos como um grupo homogéneo, defendendo por isso a necessidade de explorar esta população numa visão, que reconheça as particularidades de cada sujeito quanto ao seu género e orientação romântica, por exemplo. Alcaire (2021), reforça a necessidade de assumir o conceito de “assexualidade” como um termo guarda-chuva que integre um conjunto diversificado de identidades que partilham, contudo, um conjunto de experiências, dificuldades e interesses semelhantes que os permitem identificar-se com a assexualidade. No sentido de reconhecer as diferenças individuais dos sujeitos assexuais, a comunidade científica e não científica, tem procurado estabelecer categorias que permitam captar essas particularidades reconhecendo a existência de sujeitos nesta comunidade com perceções e desejos distintos em termos de orientação romântica ou da fluidez da atração sexual (Brunning e Mckeever, 2020).

Serve de ponto de partida a esta visão integrativa da assexualidade, a adoção do modelo de atração dividida para facilitar os processos de identificação e OS para os membros da comunidade assexual (AVEN, s.d.). De notar que, embora o modelo tenha sido atualmente adotado pela comunidade assexual, a distinção destes dois conceitos já teria sido identificada pela psicóloga Dorothy Tennov quando introduziu o conceito de limerência – estado cognitivo e emocional

derivado do desejo de uma conexão emocional com um outro, o mesmo vai além da atração ou do desejo sexual, pois embora reconheça o sexo como potencial elemento pertencente à experiência de limerência, não o considera fundamental (Tennov, 1999). A distinção destes conceitos continuou a ser aprofundada por autores como Diamond (2003; 2004), ao esclarecer que o amor romântico e a atração sexual funcionam a partir de sistemas motivacionais distintos, sendo que o primeiro depende do sistema de ligação e união de pares e o segundo da reprodução sexual, e embora podendo influenciar-se mutuamente, podem também existir de forma separada. Decker (2014), fundamenta o recurso ao modelo da atenção dividida na comunidade assexual, pelas diferenças observadas entre os seus membros, apesar da ausência ou diminuta atração sexual pelo outro, existem assexuais, que procuram relações capazes de suprimir as suas necessidades em termos românticos e por isso se denominam de assexuais românticos, sendo que os que não procuram uma relação romântica são definidos como aromânticos.

Não obstante das categorias do espectro da assexualidade, a identidade e o comportamento sexual sendo permeáveis às mudanças do ciclo de vida e outros fatores contextuais, devem ser reconhecidas como variáveis capazes de se alterar ao longo do tempo (Brunning e Mckeever, 2020). Esta perspetiva é reforçada com a ideia de que a identidade sexual apresenta o mesmo caráter fluído dos restantes aspetos da identidade, sendo por isso permeável à negociação e renegociação ao longo do desenvolvimento por influência de fatores sociais, históricos e culturais (Frost et.al., 2014; Johnson, 2015; Pardo, 2010). A fluidez sexual foi descrita como as flutuações em termos de arousal que os indivíduos experienciam na atração, identidade e/ou comportamento ao longo do tempo, podendo existir de forma transitória ou duradoura (Bailey et.al, 2016; Diamond, 2016).

Este conceito de fluidez coloca em causa o modelo binário e categórico da OS, que reconhecia apenas dois tipos de atração sexual – heterossexual e homossexual (Diamond, 2016). Atualmente a investigação permite compreender que o desenvolvimento da identidade sexual e de género implica uma visão mais integrativa que reconheça a fluidez e complexidade da vivência da sexualidade (Diamond & Butterworth, 2008). Efetivamente, esta noção de fluidez sexual foi reconhecida no início do séc. XX com a investigação conduzida por Alfred Kinsey que permitiu identificar experiências e/ou respostas psíquicas mistas (heterossexuais e homossexuais) numa parte significativa da sua população de estudo (Brown & Fee, 2003). Embora atualmente os trabalhos de Kinsey apresentem um conjunto significativo de limitações, como a perceção do

gênero como binário e a bissexualidade não ser uma OS reconhecida, mas uma experiência entre a heterossexualidade e homossexualidade, possibilitou na altura um conhecimento científico mais rigoroso em termos do estudo da sexualidade humana (Litner, 2020).

Numa perspetiva que contempla a fluidez da sexualidade, autores como Bogaert (2012) e Decker (2014) fazem referência a uma área cinzenta da sexualidade, na qual estão inseridos os sujeitos que apresentam dificuldades ou não pretendem identificar-se de forma direta com uma categoria do espectro da sexualidade. Decker (2014), esclarece que em qualquer OS ao considerar o seu valor contínuo invés de categórico, encontram-se áreas cinzentas, no caso dos indivíduos que parcialmente se identificam como assexuais, pode distinguir-se duas categorias – Greyssexual e Demisexual.

Em termos conceptuais, o greyssexual é aquele cuja atração sexual se manifesta com pouca frequência (Brunning e Mckeever, 2020), e por isso, podem ter experiências tanto assexuais como sexuais sendo que, a latência entre cada experiência bem como fatores que contribuem para as mesmas são muitas vezes desconhecidos (Decker, 2014). Por outro lado, o demisexual é capaz de sentir-se sexualmente atraído apenas após estabelecer uma relação afetiva com um outro, seja ela de natureza romântica ou não (Brunning e Mckeever, 2020). Asexualityarchive (2012), acrescenta que os indivíduos demisexuais se distinguem daqueles que simplesmente escolhem não fazer sexo enquanto não houver uma ligação emocional, ou seja, enquanto no caso dos demisexuais se trata de uma questão fisiológica de incapacidade de sentir atração sexual, nos restantes casos trata-se de uma escolha de ordem comportamental.

Construção da Identidade Assexual

Apesar da extensa literatura sobre a formação da identidade, pouco enfoque é atribuído às minorias sexuais, particularmente a respeito da assexualidade (Bogaert, 2012). A investigação que existe, aponta para que o processo deste grupo possa ser semelhante ao descrito pela comunidade homossexual, dado que por serem ambos minorias sexuais, partilham dificuldades semelhantes a respeito do processo de *coming-out* (Haefner & Plante, 2015; Scherrer, 2008).

Bogaert (2012), refere que, uma das teorias da construção da identidade sexual no caso das minorias sexuais passa por reconhecer os objetos de atração, testar e experimentar esses objetos e numa fase posterior, quando já existe uma identificação do objeto de atração, o indivíduo procura

afirmar a sua identidade à sua comunidade envolvente. Scherrer (2008), salienta a importância desta última fase para a consolidação da identidade dos indivíduos assexuais, esclarecendo que nestes casos, o processo de construção além de introspetivo, implica a afirmação da identidade perante os outros, para que o reconheçam e aceitem como assexual.

Um estudo conduzido por Houdnhove et.al (2015), permitiu aferir que os indivíduos assexuais vivem um conjunto de experiências durante o processo de descoberta da sua identidade, que passam por períodos de confusão, aceitação, afirmação, contacto com a comunidade e impacto da afirmação da assexualidade. Carrigan (2011), corrobora estes resultados com a sua investigação, acrescentando que entre a fase de confusão e aceitação, é possível observar também um período de questionamento e consideração de uma possível patologia.

Carrigan (2011), esclarece que o processo de questionar a própria sexualidade inicia-se muitas vezes na infância quando os pares se comparam e se percebem distintos entre si, embora possa existir dado questionamento, o desejo de relações íntimas não se manifesta nesta etapa pois as relações de amizade são percebidas como suficientes. Scherrer (2008), afirma que quando os indivíduos questionam a sua identidade e procuram obter respostas sobre si, é frequente principalmente no caso dos assexuais, o recurso à Internet onde encontram comunidades de suporte que auxiliam a compreender a sua sexualidade.

Apesar dos aspetos sobre a construção da identidade assexual apurados até à data, continua a ser necessário uma compreensão aprofundada do processo que contemple aspetos cognitivos, comportamentais e das interações sociais, por forma a aferir como os contextos, experiências emocionais e o ciclo de vida contribuem para a construção do self e identidade sexual nesta população (Haefner & Plante, 2015).

Capítulo 4 – Experiências Adversas Precoces

Face à literatura supramencionada, foi possível perceber uma relação íntima entre as experiências subjetivas e o desenvolvimento individual, em termos de identidade, inclusive da sexualidade, ambos motivados por processos de maturação biológica e fatores de carácter psicossocial. Bailey et.al (2016), reforça a importância de explorar estes aspetos multifatoriais no estabelecimento da identidade sexual, para uma melhor compreensão das causas e processos de desenvolvimento desta identidade, dada a sua estreita relação com a forma como o sujeito se vê e

interage socialmente. Tendo sido previamente dissertado os processos normativos subjacentes ao desenvolvimento da identidade sexual, o presente capítulo propõe-se a explorar os prejuízos para a formação da identidade sexual quando as condições se apresentam menos favoráveis à maturação psicosssexual.

Relações Objetais

Bowlby (cit. em Johnson, 2019) identificou nos seus estudos, que os bebés quando privados parcialmente de cuidados contínuos acabam por apresentar um de dois comportamentos antagónicos - extrema dependência ou revolta, e quando privados na totalidade apresentavam-se alienados, passivos e com entraves no desenvolvimento, sendo que, qualquer uma das experiências contribuía para uma dificuldade de expressão emocional e afetividade. Johnson (2019), desenvolve esta perspetiva esclarecendo que uma perceção mais depreciativa sobre o amor, levaria a um receio de envolvimento de tal ordem, que a solidão acabaria por ser a única hipótese a considerar pelo sujeito.

É possível, assim, perceber que a negligência ou fraca qualidade dos objetos relacionais, impacta diretamente na consolidação da estrutura psíquica do sujeito. No entanto, não são os únicos fatores que podem prejudicar o desenvolvimento adaptativo da identidade individual, pois a forma como o sujeito percebe e interage com o meio é também fundamental, p.e. como o indivíduo processa a separação psíquica na infância e desidealização na adolescência em relação aos pais (Wolf, Gedo & Terman, 1972).

Consequentemente a um período de infância, no qual os objetos securizadores se mostram insuficientes, o adolescente corre risco de não ter uma estrutura capaz de regular as pressões pulsionais desta fase, e tornar-se incapaz de enfrentar as exigências dos processos maturativos que emergem na puberdade e por isso a organização definitiva do ideal do ego é negativamente influenciada (Wolf, Gedo & Terman, 1972). Erikson (1977), aponta como consequências desta desorganização, o perigo de uma confusão identitária, onde a identidade sexual é frequentemente posta em causa.

Estilos de Vinculação

Recordando a importância da qualidade das relações precoces, autores como Eagle (1997) e Erozkan (2016), descrevem que relações com uma base negligente, conflituosa ou ambivalente,

podem contribuir para uma manifesta dificuldade de estabelecer e manter relações significativas e íntimas. Quando o sistema de vinculação é disruptivo, o sujeito torna-se incapaz de explorar de forma livre os seus sentimentos e pensamentos, uma vez que o seu desenvolvimento decorre estritamente em torno de questões de segurança e estabilidade, conseqüentemente o estabelecimento e/ou manutenção de relações íntimas é posto em causa (Erozkan, 2016; McCarthy & Maughan, 2010).

Partindo da investigação e modelo das quatro categorias de vinculação elaborado por Bartholow e Horowitz (1991), foi possível compreender os distintos padrões de dificuldades interpessoais que emergiam de cada estilo de vinculação, comprovando o papel de relevo dos estilos de vinculação para o estabelecimento de relações saudáveis com os outros – pares, parceiros e filhos. No tipo preocupado, o sujeito recebeu cuidados e respostas às suas necessidades de forma inconsistente, incitando a crença de que não é merecedor de afeto e amor, o sujeito percebe-se de forma negativa enquanto os outros são percebidos com valor positivo, assim, adota um comportamento de procura ativa de validação e aceitação (Erozkan, 2016), quando as suas necessidades e expectativas não são satisfeitas, o sujeito vive o acontecimento com uma frustração difícil de gerir (Bartholomew e Horowitz, 1991). No tipo evitante-desligado, a resposta às necessidades do sujeito demonstrou-se insuficiente e, por isso, a representação do outro apresenta uma conotação negativa, enquanto a percepção de si assenta num caráter de independência e autossuficiência, as relações íntimas são evitadas pela vulnerabilidade implícita nas mesmas que o sujeito teme assumir (Erozkan, 2016). No tipo evitante-amedrontando, existiu um contexto familiar que fomentou no sujeito a sensação de que não é digno de amor e afeto, este torna-se vulnerável à negligência e abandono e procura evitar o envolvimento íntimo por antecipar potenciais rejeições ou perdas (Bartholomew e Horowitz, 1991). Quando por motivos diferenciados emerge um desejo de intimidade com o outro, estes sujeitos tendem a adotar comportamentos ambivalentes de investimento – desinvestimento pelo mesmo receio de rejeição ou perda (Erozkan, 2016). Mikulincer e Shaver (2016) esclarecem que estes sujeitos tendem a sexualizar o seu desejo de aceitação, afeição e segurança, igualando a necessidade sexual à necessidade de vinculação segura e, assim, o grande desejo de ligação traduz-se por vezes em práticas sexuais de risco - desprotegidas, opressivas ou impositivas, que condicionam a intimidade genuína e conseqüentemente provocam uma rutura nos relacionamentos que seriam à partida estáveis.

Dinâmicas Familiares

Stocker e Younglade (1999), afirmam que o tipo e qualidade da relação matrimonial dos pais é um elemento-chave, não só para o desenvolvimento das competências da criança como também das expectativas e crenças que esta constrói sobre as suas relações atuais e futuras. Wolynn (2016), reconhece esta influência, acrescentando que os padrões emocionais e comportamentais observados nas relações parentais podem ser mais tarde reproduzidos pelo sujeito, condicionando a forma como o mesmo procura e estabelece relações íntimas. Para a presente dissertação, revela-se importante explorar os padrões de carência afetiva, falta de confiança e retirada emocional, que têm por base diferentes tipos de dinâmicas familiares como se observa no quadro seguinte (Quadro.1).

Dinâmica familiar	Possíveis Consequências Relacionais
Relação fusional com uma figura parental	Os sentimentos negativos da figura de apego em relação à outra figura paternal podem ser introjetados e serem depois projetados nas relações íntimas.
Interrupção precoce do vínculo materno	Ansiedade no estabelecimento de uma relação íntima, com risco de agravamento à medida que a relação se desenvolve. Não existindo <i>insight</i> prévio sobre a presente dinâmica, o sujeito pode eventualmente procurar ativamente falhas no parceiro ou criar conflitos que provoquem distância na intimidade do casal. Em alternativa ao envolvimento íntimo, o sujeito pode prescindir por completo de uma relação íntima.
Inversão de papéis (filho cuida dos pais)	Desvalorização das próprias necessidades e um cuidado do outro exacerbado, que poderão incitar uma angústia/frustração intolerável que culmina numa retirada emocional incapacitando o envolvimento íntimo.

Insatisfação conjugal parental	Incapacidade de sentir satisfação numa relação ou sentimentos de culpa/desconforto aquando se envolve numa relação satisfatória.
Separação conjugal parental	Separação conjugal no período idêntico das figuras parentais em termos concretos ou emocionais (mantém-se o compromisso, mas dissociado do afeto).
Morte de um parente	Prejuízos no envolvimento físico ou emocional.
Negligência/maltrato conjugal	Envolvimento em relações negligentes ou sem vínculo, motivadas pelo próprio ou pelo parceiro que escolheu.

Quadro 1. *Consequências relacionais de dinâmicas familiares disfuncionais* (adaptado de Wolyyn, 2016)

Negligência Emocional e Abuso Psicológico

Bigras et.al, (2016) e Erozkán (2016) investigaram o efeito das experiências traumáticas e adversas na infância no estabelecimento de relações íntimas, sendo de particular relevo para a investigação os contributos dos autores, cujos estudos incidem no trauma potenciado pela negligência e/ou abuso psicológico, e não pela violência física ou abuso sexual. Neste enquadramento, serve de exemplo à negligência aspetos como ignorar os pedidos da criança, ausência no cuidado ou incapacidade de compreender as necessidades desta, e em termos de abuso psicológico considera-se qualquer comportamento ou atitude que provoque na criança sentimentos desvalorização, ridicularização e/ou desprezo (Bigras et.al, 2016).

A partir das experiências anteriormente descritas, o desenvolvimento das competências socio-afetivas da criança é condicionado, podendo resultar em comportamentos de oposição-desafio em relação aos pais, cuidadores ou figuras de autoridade; dificuldades/incapacidade de estabelecer relações afetivas, íntimas e de confiança e comportamentos relacionais atípicos de inibição ou desinibição (Erozkán, 2016). Mais tarde, se as mesmas experiências não forem transformadas, os pressupostos negativos da relação são generalizados e a procura de envolvimento

relacional é vivida com ansiedade e percebida como ameaçadora, podendo provocar respostas fóbicas a estímulos sexuais e/ou vulnerabilidade no contexto da intimidade sexual (Erozkan, 2016).

Numa abordagem à orientação sexual, Xu, Norton e Rahman (2019), analisaram num estudo prospetivo a influência de diferentes experiências precoces na OS, identificando uma associação entre orientações não-heterossexuais e fatores como o baixo peso à nascença, curto período de amamentação, desinvestimento ou ausência parental, relações pai-bebé insuficientes e famílias numerosas.

Note-se assim que embora exista um corpo de estudos alargados a respeito da sexualidade e fatores que contribuem para a experiência da mesma, persiste uma escassez de literatura a respeito das minorias sexuais e também que se proponham a testar a influência multifatorial destas mesmas identidades (Bailey et al., 2016). Como contributo para a investigação neste âmbito, a presente tese propõe-se validar a influência multifatorial nas identidades assexuais, investigando os fatores à construção da mesma e a possível relação com as experiências adversas precoces (EAP).

Método

Delineamento

O estudo em questão partiu de uma abordagem exploratória indutiva pela pertinência da mesma na abordagem de temas cuja investigação se apresenta em fases preliminares ou iniciais, permitindo assim a obtenção de *insights* iniciais sobre dada temática que servem de ponto de partida a estudos futuros de maior profundidade (Casula, Rangarajan & Shields, 2020). Em termos de delineamento, recorreu-se à metodologia qualitativa pela possibilidade de construir o conhecimento de forma gradual e abrangente, captar a subjetividade do indivíduo e os diferentes fenómenos inscritos na sua experiência e analisar o efeito temporal no objeto de estudo (Camic, Rhodes & Yardley, 2003).

Participantes

No presente estudo participaram seis indivíduos dentro do espectro assexual, dos quais um foi excluído pelo critério de perturbações que podem influenciar na vivência da sexualidade, traduzindo-se numa amostra final de cinco sujeitos. A amostra foi constituída por dois participantes femininos, dois masculinos e um não-binário, com uma média de idade de 27 anos. Em termos de origem, dois participantes são de nacionalidade portuguesa e os restantes de nacionalidade brasileira. A respeito da orientação sexual apresentou-se a seguinte caracterização - bissexual (n=1), heterossexual (n=2), pansexual (n=1) e não especificado (n=1).

Procedimento

A amostra para esta investigação foi recolhida através de uma metodologia de amostra por conveniência que evoluiu para bola de neve. Em termos práticos, a discente introduziu-se em comunidades do Facebook (27 grupos de assexuais e um grupo QUEER) e contactou diretamente 15 páginas de Instagram relacionadas com a assexualidade. Nos contactos referidos foram publicadas com uma periodicidade semanal comunicações digitais sobre a investigação (Anexo A) remetendo para um contacto direto nas respetivas plataformas ou no e-mail criado para a pesquisa - ace.aceptance.masterthesis@gmail.com. As mesmas comunicações digitais foram partilhadas nas páginas de Instagram da própria e dos seus contactos que se propuseram à partilha.

Embora a integração nas comunidades e o contacto sem carácter investigacional com as mesmas tenha tido início em dezembro, as comunicações com o intuito de recolha de amostra

decorreram nos períodos de abril e maio de 2021. Nos primeiros contactos com os participantes existiu um esclarecimento do âmbito da investigação e do procedimento da mesma, validando o interesse em integrar a investigação e também, a existência de critérios para o efeito. Inicialmente estabeleceram-se como critérios de inclusão: a idade adulta, a identificação com a assexualidade e o domínio da língua portuguesa. Posteriormente surgiu a necessidade de estabelecer como critério de exclusão o diagnóstico de perturbações que interferissem com a sexualidade.

A posteriori, foi marcada uma entrevista *online* pelas vantagens da mesma em relação ao contacto presencial (p.e. constrangimentos geográficos, horários ou de elaboração de temáticas íntimas com um sujeito desconhecido). As entrevistas foram de carácter semiestruturado e decorreram nas plataformas *Zoom* e *Whereby*, salvaguardando conflitos éticos e potenciais constrangimentos – o consentimento informado para a participação no estudo e gravação de entrevistas obteve-se oralmente; para minimizar constrangimentos no contacto, possibilitou-se os participantes de ligarem/desligarem a câmara; ofereceu-se abertura para a colocação de dúvidas ou constrangimentos; e esclareceu-se qual o seu género para que a sua identidade fosse respeitada no curso da entrevista.

Após as entrevistas, procedeu-se à transcrição em discurso direto das mesmas com recurso à ferramenta [Otranscribe](#). Caso se apresente pertinente, é possível consultar as transcrições das entrevistas realizadas no decorrer da investigação, através do seguinte link: <https://drive.google.com/drive/folders/1S0Udeo62vTwCwgJ5oMLp-GVO-SwLHYKO?usp=sharing>. Note-se que a mesma informação é para uso exclusivo do júri, sendo impedido o acesso a qualquer membro dentro e fora da instituição, após a defesa da presente dissertação.

Instrumentos

No presente estudo foi aplicada uma entrevista semiestruturada desenvolvida especificamente para a dissertação em causa (Anexo A). A escolha deste instrumento fundamenta-se pela possibilidade de captar a perspetiva subjetiva do sujeito, facilitar a interação e oferecer ao participante autonomia para colocar questões de forma espontânea (Barker, Pistrang & Elliott, 2016). Embora a estrutura não seja rigorosa, todas as temáticas-chave são exploradas na entrevista

para permitir uma posterior análise dos dados com enfoque nos objetivos pretendidos (Marks & Yardley, 2004).

A entrevista foi delineada pela discente e revista pelo orientador, no sentido de salvaguardar a coerência, o rigor e finalmente, o propósito investigacional – captar a experiência da assexualidade e os processos subjacentes à construção da identidade sexual. Para o efeito, foram estabelecidos cinco categorias: conceito de assexualidade e primeiro contacto com o termo (1) *Podemos começar por recordar o momento em que se apercebeu que o termo assexual se aplicava a si... consegue descrever-me, o sentiu...o que pensou?*; relação com a sexualidade e posicionamento no espectro assexual (2) *atualmente, reconhece-se como assexual, mas considerando o carácter fluído da sexualidade, que se vai formando e transformando ... como descreve a sua experiência da sexualidade ao longo do tempo?*; adolescência, relação com a sexualidade e eventos significativos (3) *A transformação e exploração é como falámos feita ao longo da vida, mas particularmente presente no período da adolescência... como recorda esse período?*; relações íntimas e românticas atuais e prévias (4) *refletindo agora um pouco sobre relações íntimas... é comum pensar que só somos íntimos numa relação amorosa, mas a verdade é que há relações que por serem muito significativas, acabam por ser íntimas também – amizade, família. Pode falar-me um pouco sobre esse tipo de relações que tem?*; infância, relacionamentos e eventos significativos (4.2) *Também no contexto familiar podem existir essas relações...como descreveria as relações íntimas no seu contexto familiar?* (4.2.1); e contributos positivos/negativos para a formação identitária (5) *Explorámos a sua perspetiva e relação com a assexualidade e também, aspetos marcantes da vida que lhe permitiram ser a pessoa que é hoje...nós somos de facto entre outras coisas, o resultado das experiências que vivemos, boas e más. Nesse sentido, gostaria de introduzir o final da entrevista para falarmos sobre o que mais considera ter contribuído para ser quem é hoje. No final, introduziram-se duas questões abertas para considerações sobre a assexualidade e a investigação: *Estando a chegar ao fim da entrevista, que mensagem gostaria de deixar no âmbito da investigação?*; *Gostaria de acrescentar ou complementar algum dos aspetos que falámos?**

A respeito da periodicidade, as entrevistas realizaram-se num momento único e com duração aproximada de 90 minutos.

Análise de Dados

A análise de dados foi elaborada a partir da análise temática de conteúdo que é descrito por Barker, Pistrang e Elliott (2016), como um método de análise de texto sistemático e objetivo que visa descrever de forma qualitativa ou quantitativa, os dados a partir da organização destes em categorias, que facilitam a inferência de conhecimento relativo ao fenómeno em estudo. Numa primeira fase procedeu-se a uma leitura profunda e crítica sobre os dados. Seguidamente, com auxílio do software de análise de dados MAXQDA e uma leitura flutuante dos dados, foram geradas as primeiras categorias/códigos que possibilitaram organizar os dados em função do objetivo de estudo. Numa terceira fase foi analisada a pertinência das categorias em função dos dados classificados e feita uma revisão das mesmas. Estas etapas permitiram a organização e codificação dos dados para uma posterior análise, que se realizou em dois momentos – partindo do geral com base nas categorias-chave (relações interpessoais, identidade sexual e experiências adversas precoces), para o particular a partir das subcategorias (qualidade das dinâmicas familiares e grupo de pares; perceções, atitudes e comportamentos face à sexualidade e identidade assexual; e tipologia de EAP's). A primeira análise possibilitou identificar tendências e padrões em termos das categorias-chave e dos participantes no seu conjunto, e a segunda análise o levantamento de experiências subjetivas dos sujeitos em termos das subcategorias, permitindo uma análise mais fina dos resultados.

Resultados

Identidade Sexual

Exploração da Sexualidade

Quando questionados sobre a exploração da sua identidade sexual, foi manifestado um sentimento de deslocção face aos pares durante período da adolescência [*"no final da minha adolescência...tinha...a, a vivência da, do, do despertar da sexualidade...e aí, muitas vezes eu me...me sentia...um pouco diferente"; "eu sempre fui a...diferente, né? Sempre...fui a esquisita"*], e sentimentos de confusão [*"foi muito confuso para mim"*] e estranheza [*"senti-me estranha de certa forma e...um bocadinho fora também do normal."*]. Apenas um dos inquiridos expressou a vivência da exploração da sexualidade como normativa [*"foi uma...digamos...uma experiência, típica de um garoto de 18 anos que...com 14 anos, eu tive meu primeiro beijo...com o 15, 16 eu já ficava com várias meninas e com 17, eu tive a minha primeira experiência sexual...na verdade, eu sempre me envolvi...sem muito...digamos...aquele a, o assunto da sexualidade não, não me...ah, a princípio não me...me assustava...."*].

Os sentimentos e percepções negativas perante a sexualidade foram precedidos na idade adulta pela disparidade de percepção e atitude em relação à sexualidade entre identidades assexuais e allosexuais¹. Essa disparidade foi classificada como intrusiva pela maioria dos participantes [*"esse assunto chega, às vezes mais rápido do que eu quero. Então assim..."Ah e na cama, o que você gosta? E você gosta de sexo...?" e não sei o quê, e você fala: "Ah gente com, como a gente se reduz a esse papo...tão rapidamente? Voltado para essa temática, né? Como isso é relevante...no geral, para a grande maioria..."*, me incomoda um pouco assim"]. Um dos participantes apresenta ausência de distress perante a temática reconhecendo o papel do consentimento para o envolvimento íntimo: [*"o sexo é a base de consentimento, portanto só, só estou ali a fazer aquilo, com que estou confortável e nunca estou a fazer nada contra a minha vontade..."*].

A respeito das motivações para a adoção de comportamentos sexuais normativos numa fase precoce da exploração sexual denotaram-se três padrões: pressão dos pares [*"você se sente pressionado e você vai começar a fazer coisas que você não quer fazer, justamente por causa dessa pressão"*], sentido de pertença [*"sentia que não me encaixava tanto nas conversas que eu via à*

¹ Oposto de assexual i.e., indivíduos que experienciam a atração sexual de forma dirigida e mais frequente

minha volta de...de...de tipo, dessa espécie tipo de avaliação...ah, e também...também já tinha tido amigas que tinham falado comigo sobre as suas primeiras experiências sexuais e eu sentia que queria ter isso...mas de uma forma muito genérica de...até quase de...de tipo, "Ok. Eu vejo toda a gente à minha volta a ter isto...e eu também quero...tipo, eu também quero participar,"] e curiosidade ["eu queria saber, como é que eu me sentia a respeito. Porque eu não, como é que eu podia dizer que eu não...achava que eu não gostava, se eu nunca...tentei? E aí eu tentei, e...achei...horível."].

Numa fase posterior da exploração sexual, quando questionados sobre a forma e qualidade do envolvimento íntimo, os participantes apresentam atitudes e comportamentos variáveis entre positivo e negativo ["quando aconteceu, a primeira vez, e acabou, o ato sexual...a primeira coisa que veio na minha cabeça foi assim do tipo: Ah isso? É isso que as pessoas acham fenomenal? Que acham que é tudo...que é o ápice da relação?, ah, pra mim foi algo ok, do tipo...é, eu entendi o que é que é, é óbvio, é gostoso...mas não é nada demais"; "majoritariamente não era bom...não me sentia bem não. Tinha, houve momentos que sim, mas não são...a maioria, não. A maioria não...ou, foi...negati, f de, de tipo indiferente...a negativo, a maioria."; "a primeira parte sim...a segunda não"²]. Apresentaram consenso a respeito da valorização do ato sexual como acessório ["estar ou não estar...sexualmente ativa com eles é bastante indiferente para mim."; "eu tenho relação...eu acho gostoso...eu acho bom ah...mas, não preciso." da atração sexual surgir de forma condicional ["a gente sente atração de forma condicional e...isso é meio confuso mesmo..."] e da atração estética ser insuficiente para a manifestação de atração sexual ["eu consigo dizer se a pessoa é esteticamente atraente pra mim ou não, mas isso não...muitas vezes não condiciona...ah...a minha...vontade de ter interação física com a pessoa."].

Identificação Assexual

A falta de informação e consciência sobre a assexualidade foi uma problemática mencionada por todos os participantes em termos intrapessoais num período prévio à identificação, e em termos interpessoais numa fase posterior. Antes de descobrirem o conceito, os participantes questionaram a possibilidade de sexualidades não-normativas ["continuei a tentar ver se... isso podia ser outra coisa, se podia ser bissexualidade ou uma coisa assim..."; "Mas eu me questioneei,

² Referência ao ato preliminar e ato sexual

muitas vezes...eu falei - será que é porque eu...nunca provei, talvez eu gosto de homem e não sei"] e igualmente da existência de desregulações hormonais para justificar a ausência de atração sexual ["Eu cheguei, a procurar médicos...ah...eu achei que eu tinha talvez falta de libido...fui olhar...a questão hormonal...fui fazer vários exames...ai, não deu nada..."; "Pode ser hormonal e também por acaso fiz uma análise também para isso e as hormonas estão bem"].

O encontro com o conceito da assexualidade realizou-se pelos participantes pelos meios da Internet ["a pesquisar, mais coisas de sobre...ah, orientação sexual...e encontrei a...assexualidade e...fez muito sentido para mim"] e da comunicação social ["eu tinha lido uma matéria sobre a assexualidade...no jornal"], resultando em norma numa identificação imediata ["Eu falava - Gente! Tudo que eu leio...eu, eu vejo...os depoimentos...eu vejo...ali, as definições...remete muito ao que eu sinto...dentro de mim"].

A identificação com a assexualidade foi também referida pelos participantes como uma forma de auto conhecimento ["eu fui batendo de frente com as coisas e tudo se encaixava, comecei tipo - ahhhhh eu entendi, entendi porque sou assim."], sentido de pertença ["houve momentos em que essa necessidade de...afi, me afirmar...pra mim mesmo, eh...enquanto identidade...enquanto pertencente a um grupo, foi muito forte..."] e identificação ["durante imenso tempo...foi só assim uma opção...digamos, de...etiqueta/label...porque eu...realmente...não...não sabia muito sobre a situação e... sabia que não me sentia como o resto das pessoas em termos de atração sexual"]. Um dos participantes menciona que embora se aceite como assexual se a OS fosse opcional não seria assexual ["eu...sou uma pessoa que tem a libido muito alta e...mas eu não sinto atração então...(...) acho que é por isso que eu também, tomaria...tomaria a pilula lá (gargalha) seria no primeiro segundo que me apresentassem"].

A respeito do carácter fluído da sexualidade, o mesmo é reconhecido ["ai eu entendi um pouco também essa coisa da fluidez, assim...a gente é, se você se permitir..."; "é uma coisa um bocado fluída e não há o certo e o errado em termos de sexualidade"] e sentido pelos participantes ["apesar de eu ser demi eh... eu estou muito mais para o lado do preto do que do branco da, da assexualidade né. Eu tou, eu sou, um estrito assim"; ". A única certeza que eu tenho é que...eu estou no espectro, né? Agora...e, e que talvez, eu possa me enquadrar num...no conceito de ace fluído, talvez...não sei..."].

A nível das percepções sociais sobre a assexualidade, foi consensual entre os inquiridos a percepção de uma comunidade pouco informada sobre a assexualidade [*“as pessoas não têm um conhecimento total sobre...assexualidade. Então, quando chega essa fase da adolescência...todo mundo conhece...um, um padrão hétero...então, se você foge do padrão hétero, a única alternativa sua, é que você não é hétero, então você é gay.”*] que resulta em comportamentos sentidos pelos participantes como confrontativos [*“o momento que eu contei pra ela que eu era assexual...eu não sei se foi alguma coisa meio que...um surto da cabeça dela...mas ela se tornou a pessoa mais sexualizada...como eu nunca tinha visto na minha vida.”*] e/ou julgadores [*“Me senti...eh...julgada, de alguma forma, né?”*].

Relações Interpessoais

Na exploração das relações interpessoais estabelecidas, todos os sujeitos mencionaram a família e os amigos como elementos das relações mais íntimas e tenderam a expressar a qualidade das relações numa perspetiva instrumental [*“O meu pai ele sempre foi, uma pessoa que, fez...digamos, o papel dele, dentro do que, daquilo, de, da forma como ele foi construído para ser, ele era um provedor...”* ; *“durante o 1º ciclo que era muito normal...ah...pronto, aí tinha as amizades, mas aquilo circunscrevia-se quase só, ao tempo que passávamos juntos na escola...e depois eventualmente tipo as festas de anos ou...ah...tipo, quando íamos a casa um do outro para fazer um trabalho...uma coisa assim do género”*].

As dinâmicas familiares predominantes nos discursos dos participantes remetiam para aspetos de caráter negativo [*“eu via bastante briga da, da minha mãe e aí...em certo momento, por problemas financeiros, tivemos que...que...que mudar de casa também...eh...ao mesmo tempo que, tipo ali, eu estava curtindo toda a minha infância”*] e ambivalente [*“A minha mãe tinha muito uma cena de...ah...do diz que não disse. Tipo, elas às vezes em certas conversas dizia uma coisa...mas depois uns tempos depois, já não...já não era isso que tinha dito...então, muitas vezes também não...também tipo, eu acho, olhando para trás de certa forma eu...vejo agora que é um bocado, ah...não bem, uma triangulação, mas tipo um...vá uma, uma forma um bocado inapropriada”*]. Uma diferença significativa surgiu a partir de um participante com a manifestação de experiências de bullying no seio da família alargada [*“Já sofri...um chamar assim bullying da família extensa, já.”*].

Na qualidade da interação familiar, os sujeitos manifestaram evitamento em abordar temáticas como a orientação sexual por receio a reações pouco compreensivas [*“Ah...com a minha mãe?! De certa forma, há certas coisas sobre a assexualidade que eu não falo porque já sei que...e sobre a identidade de gênero que eu não falo porque já sei que a resposta que eu vou ter não...não me vai fazer sentir melhor”*] e uma concordância em relação à família não os conhecer de forma integral [*“eu...muitas vezes sinto que...ah...que a minha família, tipo, não me conhece muito bem (...) Conhecem-me...há aquela cena de...ok tipo, conhecem-me desde que eu nasci (...) Mas não...em termos pe...sso...ais”*]. Em termos de elemento de referência na díade parental, os participantes do gênero feminino e masculino mencionaram a figura materna e o participante de gênero não-binário a figura paterna e com ambivalências pontuais entre as duas figuras [*“a relação com os, sempre...f, tive uma relação mais próxima com o meu pai do que com a minha mãe...ah...antes dessa...antes tipo, do processo de divórcio e assim (...) quando comecei a ter mais conflitos com o meu pai...houve alguns...ah...houve alguns momentos...ah, de proximidade com ela”*].

A respeito da manutenção das relações íntimas do grupo de pares, os participantes apresentaram experiências opostas variando entre relações duradouras [*“Eu trago muitas amizades da infância, mas justamente porque eu tive uma infância dentro de um lugar muito grande...que eu pude trazer, fazer amizades na escola...e no condomínio...e que cresceram junto comigo...e então hoje, cada um com seus, suas respectivas vidas, mas a gente continua muito amigo. ”*] e circunscritas a um período específico [*“tive algumas...ah...mas...a maior parte delas foi...foram relações significativas, durante uma certa...um certo período de tempo, mas depois aconteceu...tipo, qualquer evento que provocou...ah...um...tipo, um afastamento ou um...ou...tipo, uma cisão”*].

Experiências Adversas Precoces

Quando questionados sobre eventos significativos de caráter negativo todos os participantes reportaram experiências adversas precoces, na infância [*“renegar-me, ficava ali de lado, às vezes chamavam-me nomes, mas não era assim muito agressivo, mas quando se é pequenino isso bate muito.”*] e na adolescência [*“Eh...a minha m, o meu sofrimento real...e palpável, foi na escola, na adolescência...eu me sentia hmmm, perseguida, mesmo, pelas pessoas, né?”*].

A vivência das EAP resultou para a maioria dos inquiridos em sentimentos depressivos [*"Quando me mudei pra Lisboa, foi definitivamente um processo muito difícil...ah...e...e depois fora isso...eu dentro da adolescência (...) comecei a ter sintomas de depressão"*], sentimentos de exaustão [*"foi muita exaustão e um sentimento de inutilidade, porque eles diziam me aquilo e eu não os conseguia ajudar."*] e para um dos sujeitos originou ansiedade [*"a minha ansiedade...talvez tenha aumentado muito, por conta dessas coisas"*]. Especificamente quanto à exclusão/isolamento, um dos participantes apresentou como consequência a procura de validação/aceitação externa [*"acho que havia tipo uma parte de mim, que estava a tentar procurar...ah...ou que estava...como é que hei de explicar? Que estava a verter, ah...certas frustrações ou certas...ah...tipo, dificuldades emocionais, nessa...sensação de querer encaixar com o resto da...das pessoas à minha volta"*].

A respeito das subcategorias das EAP, foram mencionadas com mais frequência as experiências de conflitos intrapessoais/interpessoais [*"Ah...foi aquelas discussões de crianças do tipo, já não quero ser teu amigo e assim foi, deixámos de ser amigas."*] e de exclusão/isolamento [*"sentia que não me encaixava tanto nas conversas que eu via à minha volta"*]. Nos conflitos intrapessoais/interpessoais observou-se um padrão dos inquiridos perceberem os afastamentos sociais como perdas significativas [*"era tipo uma amiga de quem eu era...muito próxima e...e depois, quando acabou o 9º ano ah...tivemos que nos separar já foi um bocado mais...sei lá tipo, senti um bocado essa...essa...perda."*]. As experiências de abuso emocional [*"numa escola que...eh, eh, eu não consigo definir...o motivo mas...foi, tive várias experiências de discriminação...eh...gratuitas assim, experiências maldosas gratuitas"*] e negligência emocional [*"ele não pode falar que viu...o primeiro falar, o primeiro andar, o primeiro...tombo, o primeiro...andar de bicicleta"*], foram mencionadas por três dos inquiridos.

A respeito das atitudes e perceção em relação às EAP's os participantes tenderam a manifestar ausência de *distress* adotando estratégias de racionalização [*"quando se é pequenino isso bate muito, se fosse hoje em dia, eu teria respondido"*; *"mas que tudo bem para ele, hoje eu não, me não me faz falta"*; *"eu sou uma pessoa que teve muita, muitas dificuldades ao longo da vida (...) mas...nenhum, nenhum me travou de facto assim (...) Eu sou muito do improvisado assim, né? Eh, quando uma situação ruim acontece, eu vou lá e...eu vou tentar improvisar alguma coisa."*] e contenção emocional [*"eu no terceiro ano eu tive um bocadinho de bullying...e foi daí"*].

que eu aprendi a ser consistente nas emoções porque na altura o meu irmão também tava a passar por bullying (...) então aprendi a esconder um bocadinho para que ele pudesse ter a atenção”].

Discussão

Os resultados desta investigação permitiram um conhecimento mais abrangente do fenómeno da assexualidade ao explorar os fatores subjacentes à construção das identidades assexuais, nomeadamente das EAP's. Contudo, os resultados devem ser interpretados com precaução devido às limitações da presente investigação. Este capítulo oferece uma reflexão crítica dos resultados obtidos considerando as suas implicações, discute as limitações da presente investigação e reflete sobre os contributos para o conhecimento científico das identidades assexuais.

Ao ser investigado o processo de construção e estabelecimento das identidades assexuais, considerando o papel das experiências adversas precoces, os resultados indicaram uma qualidade das relações interpessoais precoces predominantemente negativa e/ou ambivalente, uma exploração sexual vivida com estranheza e deslocação em relação aos pares e uma prevalência significativa de todas as EAP's, à exceção da negligência emocional que se apresentou como a EAP menos referida pelos participantes.

O período da infância foi relatado pela maioria dos participantes como conflituoso, com experiências de discriminação e cisões em relações íntimas com os pares. Friedman (2001) e Herdt e McClintock (2000), defendem que é neste período e com base nas relações interpessoais que se estabelecem, que o sujeito desenvolve processos de identificação e subjetividade que no futuro guiam a exploração da identidade sexual e a emergência da atração sexual. Esta teorização pode servir de base explicativa ao prejuízo na forma de experienciar atração sexual por parte dos inquiridos, que relataram experiências negativas neste período.

Numa fase posterior, na adolescência, a emergência da sexualidade torna este período particularmente difícil para os sujeitos assexuais, que vivenciam sentimentos de estranheza e deslocação em relação aos pares. A pressão dos pares, a necessidade de pertença e a desabilidade social relatada pelos participantes, corrobora as teorias anteriores de que a adolescência permeada por expectativas sociais percebidas com *distress*, condiciona a forma dos sujeitos explorarem a sua identidade (Fausto-Sterling, 2019), incitando-os a envolverem-se sexualmente apesar da falta de atração ou desejo sexual (Carrigan, 2011; Dawson, McDonnell, & Scott, 2016).

Não tendo informação sobre a assexualidade numa fase precoce, os sujeitos testaram as hipóteses de identidades sexuais não-normativas e desregulações hormonais, cujos resultados contrariam as afirmações de Davison (2007) de que a assexualidade tem implícita uma desregulação hormonal. Os resultados contrariam igualmente a teorização da assexualidade a partir da falta de desejo sexual ou atração sexual (Prause & Graham, 2007) ao indicarem que parte dos inquiridos manifestam estas características, ainda que de forma condicional.

Na perspetiva da atração sexual condicional, os participantes referem uma necessidade prévia de conexão e desconhecem os fatores que facilitam essa conexão. Contudo, o sentido de conexão remete para sentimentos de segurança e estabilidade, e de acordo com Erozkán, (2016) e McCarthy & Maughan (2010), quando as relações íntimas são estritamente guiadas por estes princípios, está subjacente um sistema de vinculação disruptivo. Esta proposta é fundamentada pelos resultados que remetem para um predomínio de dinâmicas familiares negativas e ambivalentes. Na associação a dinâmicas familiares ambivalentes, Erozkán (2016) refere como consequência um comportamento ativo de procura de validação e aceitação do outro, sob a forma do comportamento sexual que serve o propósito da necessidade de vinculação, esta teoria é corroborada pela experiência de um dos inquiridos.

A respeito do processo de identificação com a assexualidade, os resultados da investigação corroboram os estudos anteriores (Scherrer, 2008), que descrevem o processo de identificação assexual baseado no contacto com o termo através dos meios de comunicação social, na experiência de um sentimento de identificação imediato e na valorização positiva da identificação com a assexualidade, podendo assim presumir-se um padrão dos sujeitos explorarem e estabelecerem uma identidade assexual. Do mesmo modo, os participantes relatam uma falta de compreensão e aceitação por parte da comunidade não-assexual, sentimentos que entram em concordância com os resultados da investigação de Prause e Graham (2007), alertando para a necessidade de uma comunidade mais compreensiva cuja atitude e comportamento na sequência do *come-out* da assexualidade não resulte em *distress* para os sujeitos.

Em termos das atitudes e comportamentos em relação ao ato sexual as hipóteses explicativas assentam em diferentes pressupostos, uma vez que os resultados remetem também para perspetivas distintas – quando o sexo é descrito como aversivo, presume-se uma fixação que recupera a força psíquica do nojo, que restringe o instinto sexual; ao ser descrito como indiferente privilegiando os

atos preparatórios, remete para uma continuação ou ressurgimento da sexualidade infantil, onde o prazer preliminar é mais valorizado (Costa, 2020; Freud, 1905/2016); ao ser descrito por alguns participantes com uma conotação positiva corrobora os estudos de Brotto e Yule (2011), que permitiram identificar que os sujeitos assexuais podem e participam em atividades sexuais contrariamente a teorias que fundamentaram a assexualidade a partir da ausência destes comportamentos.

Face às EAP's, os resultados apresentaram uma prevalência de experiências de abuso psicológico, que poderão estar correlacionadas à capacidade de sentir atração e procurar relações íntimas, tendo como consequência a inibição dos comportamentos sexuais descrita na literatura (Erokzan, 2016). A mesma correlação é estabelecida com os conflitos interpessoais descritos pelos participantes no que concerne ao período da infância. A experiência da sexualidade emerge do prazer vivido em relações afetivas de qualidade (Bearzoti, 1994; Quindeau, 2013) por isso, é possível pensar que quando as relações afetivas são conflituosas e com perdas significativas associadas, o evitamento do prazer poderá consequentemente surgir nas relações afetivas futuras.

Ao refletirem sobre o impacto das EAP's, os sujeitos devolvem posturas de racionalização e contenção emocional, e ausência de *distress* em relação às mesmas. Esta atitude e comportamento remete para o conceito de repressão emocional, onde os sentimentos negativos das experiências e contextos são inibidos para preservar uma imagem positiva de si e facilitar as interações sociais por vias de uma atitude positiva (Garssen, 2007). Embora este mecanismo não deva ser quantificado qualitativamente (positivo/negativo) sabe-se ter implícito uma dificuldade posterior na procura e estabelecimento de relações íntimas (Investi & Myers, 2002), sendo, assim, possível estabelecer uma relação entre as estratégias para lidar com as EAP's e a dificuldade de sentimentos de atração sexual para os sujeitos em análise. Wolynn (2016), afirma que quando os sujeitos negligenciam as suas experiências e investem ativamente no cuidado com o outro, emergem sentimentos de frustração e angústia, que quando impossíveis de gerir afastam o sujeito do contacto com a intimidade. A presente afirmação pode estar relacionada com os sentimentos depressivos, de exaustão e ansiedade relatados pelos participantes em relação à vivência das EAP's.

O presente estudo apresentou três limitações principais. Primeiro, a amostra reduzida e obtida por conveniência resultou num grupo de cinco indivíduos com nacionalidades distintas, onde o valor cultural não foi considerado, tornando limitada a generalização dos resultados para

cada uma das nacionalidades. Segundo, a comunicação realizada para chegar aos inquiridos remetia para a identidade assexual em termos gerais, obtendo um grupo de participantes com identificações assexuais predominantemente demisexuais focando o estudo numa abordagem à atração sexual condicional, não podendo por isso confirmar a hipótese da ausência de atração sexual na assexualidade. Terceiro, as entrevistas realizadas em formato *online* embora possibilitem um maior conforto para os inquiridos, resultou em prejuízos na comunicação por falhas da ligação da *Internet*, tornando as entrevistas mais extensas e potencialmente cansativas para os participantes.

Apesar das limitações, a investigação oferece um contributo válido para a compreensão do fenómeno da assexualidade ao explorar a forma como se estabelecem estas identidades e, fundamentar um conjunto de hipóteses explicativas para o prejuízo da atração sexual. O âmbito da investigação oferece contributos para a comunidade científica e também para a comunidade assexual, ao tornar possível uma reflexão sobre os fatores que moldam as identidades assexuais. Acrescenta-se a ressalva que estes fatores são hipóteses explicativas, não servindo de critério à patologização da assexualidade, mas sim como contributo para uma compreensão mais clara e integrativa.

Conclusões

A presente investigação visou explorar a construção das identidades assexuais e ponderar a influência das EAP's no processo de construção das mesmas. Com base a uma análise qualitativa de conteúdo, foi possível concluir que para os indivíduos assexuais, a experiência da sexualidade na adolescência é vivida com estranheza e deslocação em relação aos pares e que as EAP's desempenham um papel significativo no estabelecimento destas identidades. Os resultados indicam que os indivíduos assexuais apresentam elevados níveis de *distress* na experiência da sexualidade durante a adolescência e que utilizam de forma predominante a repressão emocional como mecanismo de *coping*.

A investigação foi conduzida em torno das seguintes questões centrais:

Q1: Como se constroem e estabelecem as identidades assexuais?

Q2: Qual o papel das EAP's no processo de construção das identidades assexuais?

No sentido de responder às questões de investigação, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas em formato *online*. Posteriormente, foram transcritas e os conteúdos agrupados em categorias relevantes. Os resultados foram comparados entre os participantes permitindo aferir padrões, tendências e diferenças significativas entre as experiências dos sujeitos.

Os resultados mostraram uma concordância a respeito da exploração sexual vivida com deslocação em relação aos pares, do contacto com a assexualidade surgir através dos meios de comunicação social e da perceção de uma comunidade pouco informada e aceitante do fenómeno da assexualidade. A respeito da tipologia de EAP's e valorizações atribuídas pelos sujeitos, apresentou-se uma prevalência de experiências de abuso psicológico, de conflitos interpessoais e de exclusão/deslocamento e um predomínio da estratégia de repressão emocional como mecanismo de *coping*. Por conseguinte, as EAP's podem representar uma hipótese explicativa para a construção das identidades assexuais.

Esta investigação pode ser interpretada como um primeiro passo na investigação sobre o processo de construção das identidades assexuais, mas é necessário prosseguir a investigação neste âmbito devido às limitações do estudo atual. A validade e significância dos resultados deve ser considerada tendo em conta o tamanho reduzido da amostra que, não integra todas as identidades assexuais do espectro assexual. Contudo, enquanto a presente amostra limita a generalização dos

resultados em termos das identidades assexuais, possibilitou uma abordagem focada na atração sexual contribuindo com *insights* sobre os fatores de condicionam a mesma.

A investigação futura poderá incluir uma dimensão de amostra mais ampla, integrando as diferentes identidades do espectro assexual. Deverá igualmente considerar comparar a experiência e valorização das EAP's entre sujeitos assexuais e não-assexuais, testando a validade das EAP's para a explicação do prejuízo da atração sexual.

Referências

- Alcaire, R. (2021). (In)Visible (a)sexuality? Media discourses and representations on asexuality in Portugal. *Antropologia Portuguesa*, 38, 23–42. https://doi.org/10.14195/2182-7982_38_2
- APA. (2013). *APA dictionary of clinical psychology* (1.ª ed.). American Psychological Association.
- Asexual visibility & education network. (sd). *Asexuals and attitudes towards sex - Personal attitudes towards having sex*. <https://www.asexuality.org/?q=attitudes.html>
- Asexualityarchive. (2012). *Asexuality: A brief introduction*. [Livro online]. Asexualityarchive. <http://www.asexualityarchive.com/wp-content/uploads/2012/05/AsexualityABriefIntroduction.pdf>
- Bailey, J., Vasey, P., Diamond, L., Breedlove, S., Vilain, E., & Epprecht, M. (2016). Sexual Orientation, Controversy, and Science. *Psychological Science in the Public Interest*, 17(2), 45–101. <https://doi.org/10.1177/1529100616637616>
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2016). Foundations of qualitative methods - Families of qualitative approaches. Em C. Barker, N. Pistrang, & R. Elliott (Eds.), *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners* (3.ª ed., p.84). WILEY Blackwell.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Bearzoti, P. (1994). Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos De Neuropsiquiatria*, 52(1), 113–117. <https://doi.org/10.1590/s0004-282x1994000100024>
- Berman L. (2006, Abril, 5). Asexuality on CNN Showbiz Tonight [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/kkoo1IUp3ns>
- Bigras, N., Daspe, M., Godbout, N., Briere, J. & Sabourin, S. (2016). Cumulative Childhood Trauma and Adult Sexual Satisfaction: Mediation by Affect Dysregulation and Sexual Anxiety in Men

- and Women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 43(4), 377-396. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2016.1176609>
- Blain (1965). Foreword. Em R. Krafft-Ebing (Ed.), *Psychopathia sexualis – The classic study of deviant sex* (p.41). Arcade publishing.
- Bogaert, A. & Fawcett, C. (2006) Sexual Desire Issues and Problems. Em R. McAnulty & M. Burnett (Eds.), *Sex and sexuality* (1.^a ed., pp. 115-130). Praeger publishers.
- Bogaert, A. (2004). Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample. *Journal of Sex Research*, 41(3), 279–287. <https://doi.org/10.1080/00224490409552235>
- Bogaert, A. (2006). Toward a Conceptual Understanding of Asexuality. *Review of General Psychology*, 10(3), 241-250. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.10.3.241>
- Bogaert, A. (2012). *Understanding asexuality*. Rowman & Littlefield publishers.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664–678. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x>
- Breger, L. (2013). Psychopathia sexualis: Sexuality in Old and New Psychoanalysis. *Journal of clinical psychology*, 70(2), 147-159. <https://doi.org/10.1002/jclp.22066>
- Brotto, L. & Yule, M. (2009) Reply to Hinderliter. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 622–623. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9514-6>
- Brotto, L. & Yule, M. (2011). Physiological and subjective sexual arousal in self-identified asexual women. *Archives of Sexual Behavior*, 40(4), 699–712. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9671-7>
- Brotto, L. A., Knudson, G., Inskip, J., Rhodes, K., & Erskine, Y. (2010). Asexuality: a mixed-methods approach. *Archives of sexual behavior*, 39(3), 599–618. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9434-x>
- Brown, T. M., & Fee, E. (2003). Alfred C. Kinsey: a pioneer of sex research. *American journal of public health*, 93(6), 896–897. <https://doi.org/10.2105/ajph.93.6.896>

- Brunning, L. & Mckeever, N. (2020). Asexuality. *Journal of applied philosophy*, 38(3), 497-517. <https://doi.org/10.1111/japp.12472>
- Camic, P., Rhodes, J., & Yardley, L. (2003). *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design* (1.^a ed.). American Psychological Association.
- Carrigan, M. (2011). There's more to life than sex? Difference and commonality within the asexual community. *Sexualities*, 14(4), 462-478. <https://doi.org/10.1177/136346071140646>
- Casula, M., Rangarajan, N., & Shields, P. (2020). The potential of working hypotheses for deductive exploratory research. *Quality & quantity*, 55(5), 1703–1725. <https://doi.org/10.1007/s11135-020-01072-9>
- Chryssochoou, X. (2003). Studying identity in social psychology: Some thoughts on the definition of identity and its relation to action. *Journal of Language and Politics*, 2(2), 225–241. <https://doi.org/10.1075/jlp.2.2.03chr>
- Colman, R. A., & Widom, C. S. (2004). Childhood abuse and neglect and adult intimate relationships: a prospective study. *Child abuse & neglect*, 28(11), 1133–1151. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.02.005>
- Costa, R. (2020). Regression (Defense Mechanism). Em V. Zeigler-Hill & T. Shackelford (Eds.), *Encyclopedia of Personality and Individual Differences* (pp. 4346-4348). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-24612-3>
- Coulmas, F. (2019). *Identity: A Very Short Introduction* (1.^a ed.). Oxford University Press.
- Davison, J. (2007, Janeiro, 4). The Montel Williams Show (full episode) discusses asexuality [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/ErDfQMKnwSE>
- Dawson, M., McDonnell, L., & Scott, S. (2016). Negotiating the boundaries of intimacy: The personal lives of asexual people. *The Sociological Review*, 64, 349-365. <https://doi.org/10.1111/1467-954X.12362>
- Decker, J. (2014). *The invisible orientation: An introduction to asexuality*. Carrel books.

- DeLamater, J. & Plante, R. (2015) The sociological study of sexuality: An Introduction. Em J. DeLamater & R. Plante (Eds.). *Handbook of the sociology of sexualities* (pp. 15-20). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-17341-2>
- DeLuzio Chasin, C. (2011). Theoretical issues in the study of asexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 40(4), 713–723. <https://doi.org/10.1007/s10508-011-9757-x>
- Diamond L. (2003). What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. *Psychological review*, 110(1), 173–192. <https://doi.org/10.1037/0033-295x.110.1.173>
- Diamond, L. & Butterworth, M. (2008). Questioning gender and sexual identity: Dynamic Links over time. *Sex Roles*, 59(5), 365-376. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9425-3>
- Diamond, L. (2004). Emerging Perspectives on Distinctions Between Romantic Love and Sexual Desire. *Current Directions in Psychological Science*, 13(3), 116–119. <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.00287.x>
- Diamond, L. (2016). Sexual Fluidity in Male and Females. *Current Sexual Health Reports*, 8(4), 249–256. <https://doi.org/10.1007/s11930-016-0092-z>
- Eagle, M. (1997). Attachment and psychoanalysis. *British Journal of Medical Psychology*, 70(3), 217–229. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8341.1997.tb01901.x>
- Elkatawneh, H. (2013). Freud's Psychosexual Stages of Development. *SSRN Electronic Journal*, 1-3. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2364215>
- Erikson, E. (1977). Identity vs. role confusion. Em E.Erikson (Ed.), *Childhood and society* (pp. 234 – 238). Paladin grafton books.
- Erozkan, A. (2016). The Link between Types of Attachment and Childhood Trauma. *Universal Journal of Educational Research*, 4(5). <https://doi.org/1071-1079.10.13189/ujer.2016.040517>

- Fausto-Sterling, A. (2019). Gender/Sex, Sexual Orientation, and Identity Are in the Body: How Did They Get There? *The Journal of Sex Research*, 00(00), 1-27. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1581883>
- Floyd, F. & Stein, T. (2002). Sexual Orientation Identity Formation among Gay, Lesbian, and Bisexual Youths: Multiple Patterns of Milestone Experiences. *Journal of research on adolescence*, 12(2), 167-191. <https://doi.org/10.1111/1532-7795.00030>
- Foster, B. & Scherrer, S. (2014). Asexual-identified clients in clinical settings: Implications for culturally competent practice. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(4), 422–430. <https://doi.org/10.1037/sgd0000058>
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (P. De Souza, Trad.; 1.^a ed.). Companhia das letras (Publicação original 1905)
- Friedman R. C. (2001). Psychoanalysis and human sexuality. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49(4), 1115–1132. <https://doi.org/10.1177/00030651010490040901>
- Frost, D., McClelland, S., Clark, J., & Boylan, E. (2014). Chapter 6. Phenomenological Research Methods in the Psychological Study of Sexuality. Em D. Tolman, L. Diamond, J. Bauermeister, G. William, J. Pfaus & L. Ward (Eds.), *APA Handbook of Sexuality and Psychology: Vol. 1. Person-Based Approaches* (pp. 121-124). American Psychological Association. <http://dx.doi.org/10.1037/14193-006>
- Garssen, B. (2007). Repression: finding our way in the maze of concepts. *Journal of behavioral medicine*, 30(6), 471–481. <https://doi.org/10.1007/s10865-007-9122-7>
- Guenther, C. & Fernandes, R. (2020). Identity. Em V. Zeigler-Hill & T. Shackelford (Eds.), *Encyclopedia of Personality and Individual Differences* (pp. 2219-2227). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-24612-3>
- Haefner, C. & Plante, R. (2015) Asexualities: Socio-Cultural Perspectives. Em J. DeLamater & R. Plante (Eds.), *Handbook of the sociology of sexualities* (pp. 516-527). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-17341-2>

- Hall, S. (1996). Introduction: who needs identity? Em S. Hall & P. du Gay (Eds.). *Questions of cultural identity* (1.^a ed., pp. 1-18). Sage Publications.
- Hanson, E. (2013). *Making Something Out of Nothing: Asexuality and Narrative* (Publicação No. 3566539) [Tese de Doutorado, Loyola University]. ProQuest Dissertations.
- Herd, G. & McClintock, M. (2000) The Magical Age of 10. *Archives of Sexual Behavior*, 29(6), 587-603. <https://doi.org/10.1023/A:1002006521067>
- Hinderliter, A. (2009) Methodological Issues for Studying Asexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 619–623. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9502-x>
- Houdnhove, E., Gijs, L., T'Sjoen, G., & Enzlin, P. (2015). Stories About Asexuality: A Qualitative Study on Asexual Women. *Journal of sex & marital therapy*, 41(3), 262-281. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2014.889053>
- Howard, J. (2000). Social Psychology of Identities. *Annual Review of Sociology*, 26(1), 367–393. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.26.1.367>
- Johnson, A. (2019) *Introduction to key concepts and evolutions in psychoanalysis: From Freud to neuroscience* (1.^a ed.). Routledge.
- Johnson, K. (2015) *Sexuality: A psychosocial manifesto* (1.^a ed.). Polity Press.
- Kinzl, J., Traweger, C., & Biebl, W. (1995). Sexual Dysfunctions: Relationship to childhood sexual abuse and early family experiences in a nonclinical sample. *Child Abuse & Neglect*, 19(7), 785-792. [https://doi.org/10.1016/0145-2134\(95\)00048-d](https://doi.org/10.1016/0145-2134(95)00048-d)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4.^a ed.). Martins Fontes.
- Litner, J. (2020). *What Does the Kinsey Scale Have to Do with Your Sexuality?* Healthline. <https://www.healthline.com/health/kinsey-scale>
- Marcia, J. (2002). Identity and Psychosocial Development in Adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2(1), 7-28. https://doi.org/10.1207/S1532706XID0201_02

- Marks, D. & Yardley, L. (2004). *Research methods for clinical and health psychology*. SAGE publications.
- Maslow, A. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50(4), 370-396. <https://doi.org/10.1037/h0054346>
- McCarthy, G. & Maughan, B. (2010) Negative childhood experiences and adult love relationships: The role of internal working models of attachment. *Attachment and Human Development*, 12(5), 445-461, <https://doi.org/10.1080/14616734.2010.501968>
- McClintock, M. & Herdt, G. (1996). Rethinking Puberty. *Current Directions in Psychological Science*, 5(6), 178–183. <https://doi.org/10.1111/1467-8721.ep11512422>
- Mikulincer, M. & Shaver, P. (2016). Attachment and Sex. Em M. Mikulincer & P. Shaver (Eds.), *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change* (2.^a ed., pp. 372 – 392). The Guilford Press.
- Morgan, E. (2012) Contemporary Issues in Sexual Orientation and Identity Development in Emerging Adulthood. *Emerging Adulthood*, 1(1), 52-66. <https://doi.org/10.1177/2167696812469187>
- Murphy, K. (2019). *Asexuality: Towards a Freudian-Lacanian Understanding*. [Tese de Doutorado, Universidade Deakin]. Deakin University Archive. <https://dro.deakin.edu.au/eserv/DU:30136223/murphy-asexualitytowards-2019.pdf>
- Nagera, H. (1964) On Arrest in Development, Fixation, and Regression. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 19(1), 222-239. <https://doi.org/10.1080/00797308.1964.11822866>
- Ollech, D. & McCarthy, J. (1997). Impediments to Identity Formation in Female Adolescents. *Psychanalytic psychology*, 14(1), 65-80. <https://doi.org/10.1037/h0079724>
- Pacho, A. (2013). Establishing Asexual Identity: The Essential, the Imaginary, and the Collective. *Graduate Journal of Social Science*, 10(1), 13-33.
- Pardo, E. (2010). L'asexualité, phénomène contemporain? *Recherches en psychanalyse*, 10(2), 251-256.

- Parente, J. & Albuquerque, G. (2016). Asexuality: Dysfunction or Sexual Orientation? *Reproductive System & Sexual Disorders*, 5(3), 1-3. <https://doi.org/10.4172/2161-038X.1000185>
- Person, E. (1980). Sexuality as the Mainstay of Identity: Psychoanalytic Perspectives. *Signs*, 5(4), 605–630. <https://doi.org/10.1086/493755>
- Prause, N., & Graham, C. A. (2007). Asexuality: classification and characterization. *Archives of sexual behavior*, 36(3), 341–356. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9142-3>
- Quindeau, I. (2013). Seduction, desire, and sexuality. Em I. Quindeau (Ed.), *Seduction and desire: The psychoanalytic theory of sexuality since Freud* (1.^a ed., pp. 1 – 71). Karnac.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1997) *Dicionário de psicanálise*. Zahar.
- Rozenthal, E. (2018). Assexualidade: um olhar psicanalítico para o futuro. *Cadernos de Psicanálise*, 40(38), 111-124.
- Scherrer, K. (2008). Coming to an Asexual Identity: Negotiating Identity, Negotiating Desire. *Sexualities*, 11(5), 621-641. <https://doi.org/10.1177/1363460708094269>
- Sedikides, C., Gaertner, L., & O'Mara, E. M. (2011). Individual self, relational self, collective self: Hierarchical ordering of the tripartite self. *Psychological Studies*, 56(1), 98–107. <https://doi.org/10.1007/s12646-011-0059-0>
- Silverman, D. (2020). Psychosexual Stages of Development (Freud). Em V. Zeigler-Hill & T. Shackelford (Eds.), *Encyclopedia of Personality and Individual Differences* (pp. 4192-4195). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-24612-3>
- Steensma, T. D., Kreukels, B. P., de Vries, A. L., & Cohen-Kettenis, P. T. (2013). Gender identity development in adolescence. *Hormones and behavior*, 64(2), 288–297. <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2013.02.020>
- Stern, D. (1985). *The interpersonal World of the Infant: A view from psychoanalysis and developmental psychology*. Karnac books.

- Stocker, C. & Youngblade, L. (1999). Marital Conflict and Parental Hostility: Links With Children's Sibling and Peer Relationships. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 598-609. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.13.4.598>
- Tanner, J. (1986). 1 Normal growth and techniques of growth assessment. *Clinics in Endocrinology and Metabolism*, 15(3), 411-451. [https://doi.org/10.1016/S0300-595X\(86\)80005-6](https://doi.org/10.1016/S0300-595X(86)80005-6)
- Tennov, D. (1999). *Love and limerence: The experience of being in love* (2.^a ed.). Scarborough House.
- Tolman, D. & Diamond, L. (2014). Introduction and Overview. Em D. Tolman, L. Diamond, J. Bauermeister, G. William, J. Pfaus & L. Ward (Eds.), *APA Handbook of Sexuality and Psychology: Vol. 1. Person-Based Approaches* (pp. 1-3). American Psychological Association. <http://dx.doi.org/10.1037/14193-006>
- Vetere, A. & Myers, B. (2002). Repressive coping style and adult romantic attachment style: Is there a relationship? *Personality and Individual Differences*, 32(5), 799-807. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(01\)00083-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(01)00083-6)
- Wolf, E., Gedo, J., & Terman, D. (1972). On the adolescent process as a transformation of the self. *Journal of Youth and Adolescence*, 1(3), 257-272. <https://doi.org/10.1007/BF01537923>
- Wolynn, M. (2016). *It didn't start with you: How inherited family trauma shapes who we are and how to end the cycle*. Viking.
- Xu, Y., Norton, S., & Rahman, Q. (2019). Early life conditions and adolescent sexual orientation: A prospective birth cohort study. *Developmental psychology*, 55(6), 1226-1243. <https://doi.org/10.1037/dev0000704>
- Zimerman, D. (2008). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Artmed.

Anexos

Anexo A: Guião da entrevista semiestruturada

Entrevista semiestruturada

1. Podemos começar por recordar o momento em que percebeu que o termo assexual se aplicaria a si... consegue descrever-me, o que sentiu...o que pensou?
 - 1.1. É também frequente surgirem pensamentos como “o que se passa comigo”, “porque sou desta forma e não de outra” ... Se em alguma altura se sentiu “diferente”, como recorda esse momento?
 - 1.1.1. O que pensou/sentiu/com quem falou?
 - 1.2. A assexualidade por ser pouco explorada e reconhecida, acaba por ser algo novo para o próprio, mas também para os outros que o rodeiam. Como descreve o processo do *coming out*? De se afirmar como assexual para a família, amigos...
 - 1.2.1. Com quem partilhou/como eles reagiram/como o próprio se sentiu?
 - 1.3. Em termos conceptuais, observa-se a descrição da assexualidade em termos de atração, desejo, identidade, orientação... Como descreve a assexualidade na sua perspetiva?
 - 1.3.1. Como foi o momento em que ouviu o termo pela primeira vez? Pode descrever?
 - 1.3.1.1. Qual o contexto onde o ouviu/que idade tinha/com quem estava;
 - 1.3.1.2. O que sentiu/pensou?
2. Atualmente, reconhece-se como assexual, mas considerando o carácter fluído da sexualidade, que se vai formando e transformando ... como descreve a sua experiência da sexualidade ao longo do tempo?
 - 2.1. A própria assexualidade apresenta um espectro diversificado de identidades, como a demisexualidade e a área cinzenta por exemplo... refletindo sobre o período desde que se identificou como assexual até hoje, como descreve a sua relação com o espectro?
 - 2.1.1. Onde se insere/como se sente em termos da identificação;
 - 2.1.2. Ocorreram mudanças no posicionamento do espectro/que fases da vida/que fatores contribuíram para a mudança?
 - 2.2. Pensando agora no contexto da relação íntima, na comunidade científica existem visões opostas a respeito da assexualidade e da intimidade. Um descrevem que a assexualidade não permite uma relação íntima, outras afirmam que é uma forma diferenciada de viver a intimidade. Como se posiciona nestes pontos de vista?
 - 2.2.1. Como descreve e experiência a relação íntima no contexto da assexualidade?

- 2.2.1.1.** Se em termos hipotéticos a relação íntima presumir o beijo, toque, sexo... o que isso o faz sentir?
- 2.2.1.1.1.** Que pensamentos/sentimentos/sensações surgem quando pensa em envolver-se de forma mais sexual?
- 3.** A transformação e exploração é como falámos feita ao longo da vida, mas particularmente presente no período da adolescência... como recorda esse período?
- 3.1.** O que sentiu/pensou?
- 3.2.** Como eram as relações significativas?
- 3.2.1.** Quem eram essas pessoas/em que contexto se inseriam/como comunicavam/o que faziam?
- 3.3.** Também é frequente na adolescência, ocorrer um despertar da sexualidade... muitos adolescentes começam a ter sentimentos e sensações que os levam a procurar uma relação com o outro diferenciada, mais íntima do ponto de vista emocional e físico.
- 3.3.1.** Como foi para si esse período?
- 3.3.2.** O que sentiu/pensou/fez.
- 3.3.3.** Como via os outros/como considera que os outros o viam a si?
- 3.3.4.** Destaca algum evento mais negativo para si, dessa altura da adolescência?
- 3.3.4.1.** Que evento/como o descreve/quem estava presente/o que sentiu e pensou.
- 4.** Refletindo agora um pouco sobre relações íntimas... é comum pensar que só somos íntimos numa relação amorosa, mas a verdade é que há relações que por serem muito significativas, acabam por ser íntimas também – amizade, família. Pode falar-me um pouco sobre esse tipo de relações que tem?
- 4.1.** Quem refere como íntimo/como é a relação com elas/em que contexto ocorre/o que torna íntima e significativa a relação?
- 4.2.** Também no contexto familiar podem existir essas relações... como descreveria as relações íntimas no seu contexto familiar?
- 4.2.1.** Sabe-se que também as relações e contextos se alteram ao longo da vida... recordando o seu contexto familiar quando era criança, como era?
- 4.2.1.1.** Também sobre esse período da infância, gostaria que me descrevesse algum evento significativo que tenha ocorrido.

